

ROTEIRO EXPOSIÇÃO

# Patrimónios

Centro Histórico da Vila de Palmela

Município  
**Palmela**





ROTEIRO EXPOSIÇÃO

# Patrimónios

Centro Histórico da Vila de Palmela

**Igreja de Santiago | Castelo de Palmela**  
**14 de Novembro 2009 | 5 de Setembro 2010**



## Ficha Técnica do Roteiro

### Autoria de textos e fichas das peças

Maria Teresa Rosendo (Coordenação), Cristina dos Reis Prata, Isabel Cristina F. Fernandes, Michelle Teixeira Santos, Teresa Sampaio, Zélia de Sousa

### Fotografia

Aérea: Carlos Sargedas/Falcão Azul

Do edificado: Amodesign

360º: Carlos Chegado

Outras imagens: ver roteiro e índice de fotografia

### Edição

Câmara Municipal de Palmela / Museu Municipal

### Concepção gráfica e paginação

[www.amodesign.net](http://www.amodesign.net)

### Execução gráfica

Armazém de Papéis do Sado, Lda.

### Produção

Ana Cruz - Divisão de Comunicação

ISBN: 978-972-8497-48-4

Código de Edição: CMP/DC - 407/10

Tiragem: 1.000 ex.

Palmela 2010

Todos os direitos reservados para a língua portuguesa  
por Câmara Municipal de Palmela



## Ficha técnica da Exposição

### Organização

Câmara Municipal de Palmela: Museu Municipal / Gabinete de Recuperação do Centro Histórico de Palmela / Divisão de Comunicação

### Calendarização

14 de Novembro de 2009  
a 5 de Setembro de 2010

### Concepção, investigação, selecção de acervo, textos, legendagem

Carlos Rocha, Cristina dos Reis Prata, Isabel Cristina F. Fernandes, Maria Teresa Rosendo, Michelle Teixeira Santos, Teresa Sampaio, Zélia de Sousa

### Concepção Museográfica

Ana Cruz, Carlos Rocha, Maria Teresa Rosendo, Michelle Santos

### Fotografia

**Aérea:** Carlos Sargedas/Falcão Azul

**Do edifício:** Amodesign

**360°:** Carlos Chegado

**Outras imagens:** ver roteiro e índice de fotografia

### Tratamento cartográfico

Cláudia Romba (GEQ-SIG)

### Restauros

*Archeofactu* (metais)

Campo Arqueológico de Mértola (cerâmica e metais)

Gabinete de Arqueologia da C.M. Alcácer do Sal (metais do Mercado Velho)

### Conservação Preventiva

Cláudia Sofia Oliveira, Flórida Lourenço, Sandra Castro

### Inventário

Cláudia Sofia Oliveira, Cristina dos Reis Prata, Michelle Teixeira Santos, Teresa Sampaio, Sandra Castro, Zélia de Sousa

### Serviço Educativo

Ana Costa Pereira, Cristina Prata, Lúcio Rabão, Teresa Sampaio, Flórida Lourenço, Hugo Paulo Ferreira, Michelle Santos

### Ilustração do Espaço Infantil

Zé Nova

### Documentários em vídeo - créditos, realização e edição

Hugo Silva e Teresa Sampaio

Música: ArtemSax

Cedência de imagens: Festróia

### Montagem

Acácio Martins, Ana Cruz, Anabela Tavares, Cláudia Sofia Oliveira, Cristina dos Reis Prata, Flórida Lourenço, Hugo Paulo Ferreira, Lúcio Rabão, Maria José Coelho, Maria Teresa Rosendo, Michelle Teixeira Santos, Nuno Camolas, Teresa Sampaio, Zélia de Sousa

### Tradução do folheto

Cena - Centro de Estudos Norte - Americanos, Lda.

### Concepção Gráfica

[www.amodesign.net](http://www.amodesign.net)

### Execução Gráfica

[www.xprints.com](http://www.xprints.com)

### Apoio Logístico

Mário Pegas e Luis Filipe – Coordenação  
(DLC – CMP)  
Aderito Fajardo  
Antonio Sombreiroiro  
João André  
Joaquim Carvalhinho  
Jorge Inacio  
José André  
José Baptista  
José Júlio

### Carpintaria, pintura e serralharia

**Carpintaria:** José Canhoto e Rafael  
Serrano (DLC-CMP)  
José Horta Guerreiro – Carpintaria e  
Marcenaria Lda.  
**Pintura:** Luís Fernandes (DLC - CMP)  
MAGJACOL – tintas, vernizes e colas  
**Serralharia:** José Borges, Pedro Sousa  
(DLC - CMP)

### Luminotecnia

Lúcio Rabão

### Promoção e Divulgação

Ana Cruz (DC – CMP)

### Distribuição

Guilherme Polido e Bruno Nunes

### Apoio administrativo

Anabela Tavares, Hugo Paulo Ferreira

### Vigilância e Atendimento

Íris Campos e Fernanda Miranda

### Segurança

Mário Rui Baltazar (Coorden.)  
RONSEGUR, NISCAYAH S.A.

### Agradecimentos

Alberto Paciência  
Altino Bernardes  
Anabela Ferreira  
António Carlos Nunes  
António Correia  
António Reis

Arnaldo Gama  
Campo Arqueológico de Mértola  
Capitolina Nunes  
Celestino Rodrigues  
Cristina Oliveira  
Elsa Oliveira  
Fernando Baião  
Fernando Ramos  
Firmina Santos  
Francisca Areas  
Francisco Cardoso  
Graciosa de Carvalho  
Grupo musical ArtemSax  
Helena Oliveira  
Humberto Cardoso  
Idalécio Costa  
Idalino Coelho  
João Espada  
João Garrido  
Joaquim Domingos  
Julieta  
Manuel Fonseca  
Manuel Pereira  
Maria Espada  
Maria Ivone Casinha  
Padre José Maria Furtado  
Pedro Fonseca  
Sabina Miranda  
Silvina Guerreiro  
Valdemar Caetano  
Vítor Mata

A todos os que participaram nas  
**Conversas de Poial**, assim como às  
entidades que cederam os espaços para  
que estes encontros se concretizassem.

### Entidades prestadoras

Paróquia de Palmela  
Santa Casa da Misericórdia de Palmela

### Seguradora

Império Bonança, S.A.

### Transportes municipais

DLC / DPC

---

Abreviaturas de Serviços Municipais

**DC** – Divisão de Comunicação; **DLC** – Divisão de Logística e Conservação; **DPC** – Divisão de Património Cultural;  
**GEQ-SIG** – Gabinete de Estudos e Qualidade-Sistema de Informação Geográfica

- 08. Apresentação
  - 11. Vila de Palmela: génese e expansão do Centro Histórico
  - 13. O Castelo de Palmela, génese da vila: Centro de poderes, Centro de território
  - 18. Palmela e o Mundo: sinais de uma economia florescente
  - 20. Rua a rua... a memória que pisamos!
  - 27. Arqueologia urbana: preservar o Passado na construção do Futuro
  - 29. Palmela medieval: da presença islâmica à urbe de Quinhentos
  - 34. Segredos dos Paços do Concelho: símbolos de Poder
  - 38. Símbolos de Poder - o Pelourinho de Palmela
  - 39. Evolução urbana: alterações nos séculos XVI-XVIII
  - 40. Património Edificado Religioso
  - 43. Palmela entre os séculos XIX e XX
  - 46. A rua na memória das crianças do início do século XX
  - 48. Lazer: as Sociedades e o Cine-Teatro
  - 51. Comércio Tradicional
  - 52. Comércio Ambulante
  - 54. Caminhos do vinho: produzir, beber, festejar
  - 59. Ofícios tradicionais
  - 68. A Oficina do Costa
  - 71. Ensino em Palmela, algumas memórias
  - 73. A vila de Palmela no século XX: novas vivências, novas formas urbanas e arquitectónicas
  - 76. Arquivo de Fontes Orais - Construir a Memória do Centro Histórico de Palmela
  - 77. Bibliografia e Registos Audiovisuais
  - 79. Anexos:
    - Planta de localização dos edifícios destacados, em fotografia de grande formato, na exposição
    - Planta de Sensibilidade Arqueológica do Centro Histórico de Palmela
    - Planta da Exposição
  - 85. Índice de Fotografia
- verso contra capa. DVD - Visita virtual à exposição, documentários em vídeo e planta da vila



## APRESENTAÇÃO

2009 ficou marcado, a nível da política de qualificação urbana em Palmela, pela aprovação da candidatura que o município de Palmela apresentou ao Quadro de Referência Estratégica Nacional (QREN), com o projecto de *Recuperação e Dinamização do Centro Histórico de Palmela*.

O Centro Histórico de Palmela – génese do concelho - é um espaço sensível quer ao nível do património histórico edificado, quer na esfera socioeconómica e de habitabilidade. São diversos os problemas que o caracterizam, comuns a outros lugares com 825 anos de História, contados desde a atribuição do Foral.

A estratégia de intervenção, protagonizada pela autarquia e pelos parceiros locais, procura satisfazer as necessidades da população e promover Palmela com respeito pela sua identidade urbana e valorizando a multifuncionalidade de um espaço que integra funções tão diversificadas como a residencial, a económica, a cultural, a turística e a lúdica.

A acção materializa-se em várias vertentes: a intervenção no castelo com os seus equipamentos-âncora turísticos e culturais, a valorização da colina e seu enquadramento paisagístico, a reconversão de espaços abandonados, a requalificação de espaços públicos e a modernização de infraestruturas; estas acções vêm na continuidade de outras de que são exemplos: o financiamento a obras de conservação pelo FIMOC, a isenção e redução de taxas urbanísticas, a redução do IMI ou o apoio financeiro a acompanhamento arqueológico em obras de recuperação.

Além destas apostas, dá-se também ênfase à articulação de Palmela com as potencialidades turísticas da região, que se revêem na marca Serra da Arrábida, e às três grandes representações colectivas associadas à sua identidade cultural: Palmela-Sede da Ordem de Santiago, Palmela-Capital da Vinha e do Vinho e Palmela-Palco das Artes de Rua.

Conhecer a fundo a História deste território, qualificando-o para o Futuro, implica a presença simultânea no terreno de várias disciplinas: da arqueologia



à engenharia, da economia à arquitectura, da antropologia ao paisagismo; estas e outras áreas contribuem para a intervenção, aliadas a uma prática essencial: o diálogo com os habitantes de Palmela.

Inventariar o sítio “Centro Histórico” nas vertentes arqueológica, histórica, etnográfica e arquitectónica, promovendo o seu enquadramento urbano valorativo, na sua relação com o Castelo, e promover o registo e interpretação estratigráfica do Património Edificado, constituem objectivos centrais deste projecto que conta com forte contributo da comunidade local.

O ciclo de **Conversas de Poial** que, ao longo de 2009, decorreu em locais distintos do Centro Histórico, integra o programa expositivo. Nestes encontros nasceram momentos fundamentais para a construção da exposição através da partilha de memórias, fotografias e objectos por parte dos moradores do Centro Histórico. Em 2010, prosseguem estas conversas, quer por desejo expresso desses protagonistas locais, quer por constituírem momentos de convívio e divulgação de saberes sobre as vivências do espaço urbano.

Na exposição desenvolvem-se também projectos pedagógicos com a comunidade educativa local, no sentido de sensibilizar e estimular os alunos e professores para uma participação activa na salvaguarda e enriquecimento destes Patrimónios.

Cumpre-nos **agradecer a todos**: aos nossos/as trabalhadores/as que desenharam o projecto como fonte de conhecimento e de afectos, e aos Moradores do Centro Histórico que entenderam a importância desta iniciativa e a ela se têm dedicado generosamente, contribuindo para a concretização desta exposição e para a construção de saberes sobre a História Local. Este é um início e não um fim de investigação: esta parceria é crucial para a redescoberta da vila de Palmela.

*A Presidente da Câmara*



Ana Teresa Vicente





## VILA DE PALMELA: GÊNESE E EXPANSÃO DO CENTRO HISTÓRICO

*“Palmela, grande vila ainda aninhada no seu morro, de casas brancas e ruas acanhadas, comanda as vastas planura de sopé, coroada por um castelo que foi sede da Ordem de Santiago, vigiando simbolicamente uma das entradas das terras baixas do Sul, que aquela ordem incorporou no território nacional. É muito instrutivo o contraste de paisagem que se observa do castelo: para o sul, hortas, laranjais e quintas dos arredores de Setúbal indicam a ocupação agrária antiga e intensa que, graças à rega, constitui a auréola típica das cidades meridionais; para o norte os contornos geométricos das vinhas, oliveais, campos de trigo e até pinhais e eucaliptais, salpicados de casas disseminadas, constituem uma paisagem de colonização, que transformou as charnecas, à força de estreme e de trabalho, num dos centros abastecedores da capital e das aglomerações próximas.”*

Orlando Ribeiro, dissertação de doutoramento de 1936

A acção humana num dado território, ao longo de séculos, faz da malha urbana um palimpsesto onde estão inscritos múltiplos modos de viver e sentir. A descodificação de traçados viários, de textos e de imagens que nos chegaram, a leitura das formas dos edifícios, a interpretação dos materiais usados nas construções, a prática arqueológica, são actos essenciais para se requalificar o espaço urbano, compreendendo-se o que se pode manter ou alterar, sem desvirtuar a identidade local, mas não deixando de proporcionar o conforto que a contemporaneidade trouxe a todos quantos ocupam os núcleos históricos.

O estudo dos núcleos urbanos históricos recorre a conhecimentos pluridisciplinares: geógrafos, historiadores foram, em Portugal, os percussores da história do urbanismo com a inevitável parceria, hoje, de arqueólogos, arquitectos, sociólogos, antropólogos e economistas entre outros.

A evolução da morfologia urbana do Centro Histórico de Palmela tem vindo a ser (re)descoberta quer pelas intervenções arqueológicas, quer por estudos de outros profissionais,

no âmbito do trabalho desenvolvido pelo Museu Municipal e pelo Gabinete de Recuperação do Centro Histórico da vila de Palmela.

A presente exposição constitui o resultado de um trabalho de caracterização diagnóstica pluridisciplinar realizada no núcleo histórico da vila e é, também, ponto de partida para um novo ciclo no desenvolvimento de trabalho de investigação histórico-antropológica. Além da perspectiva evolutiva da urbe, mostram-se aqui **Patrimónios** do Centro Histórico, constituídos por histórias de vida de muitos dos seus habitantes, muitas delas contadas na primeira pessoa: são memórias e documentos que o século XX deixou aos seus habitantes de Palmela.

A multiplicidade de visões sobre a vila histórica e os modos de nela viver – nas brincadeiras, na escola, nas festas religiosas e profanas, nos ofícios – aqui apresentados visam, também, estimular a apropriação do espaço edificado por parte da comunidade educativa e a participação dos habitantes. Um novo ciclo de **Conversas de Poial** animará e desenvolverá *in situ* a exposição.



Vista área do castelo de Palmela  
Fotografia de Carlos Sargedas/Falcão Azul

## O CASTELO DE PALMELA, GÉNESE DA VILA: CENTRO DE PODERES, CENTRO DE TERRITÓRIO



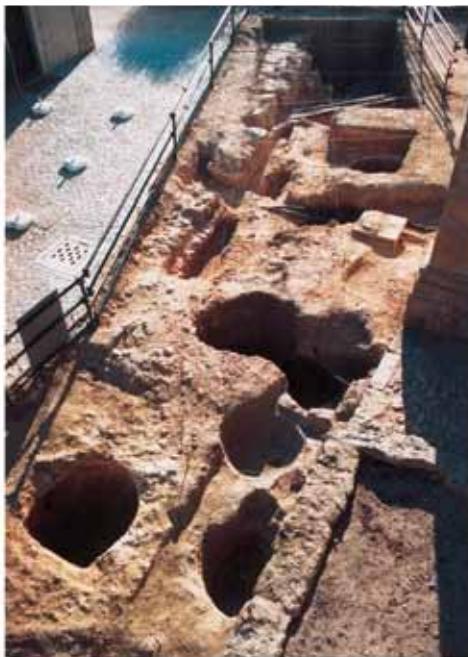
13

O cerro onde se encontra implantado o Castelo de Palmela foi decerto um importante ponto de vigilância de toda a região inter-estuarina desde a proto-história e durante a romanização. No entanto, são escassos os testemunhos desses períodos.

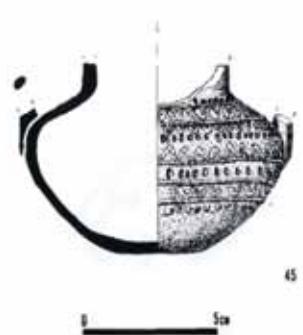
Já os quatro séculos de presença muçulmana se encontram bem documentados na fortaleza, em várias fases construtivas, e nos múltiplos vestígios materiais dos seus governantes e guarnição: as casas onde habitavam, as marcas da activida-

de artesanal do ferreiro e do tecelão, os silos e a cisterna onde armazenavam alimentos e água, a loiça doméstica, os restos do que comiam, os instrumentos e os adornos que usavam, o armamento com que guerreavam. O castelo de Palmela desempenhava então um papel político-militar estratégico na região, constituindo-se como pólo organizador da defesa e também como centro administrativo dos proventos fiscais de um espaço rural de abundantes recursos agrícolas e fluvio-marítimos.

1.



2.



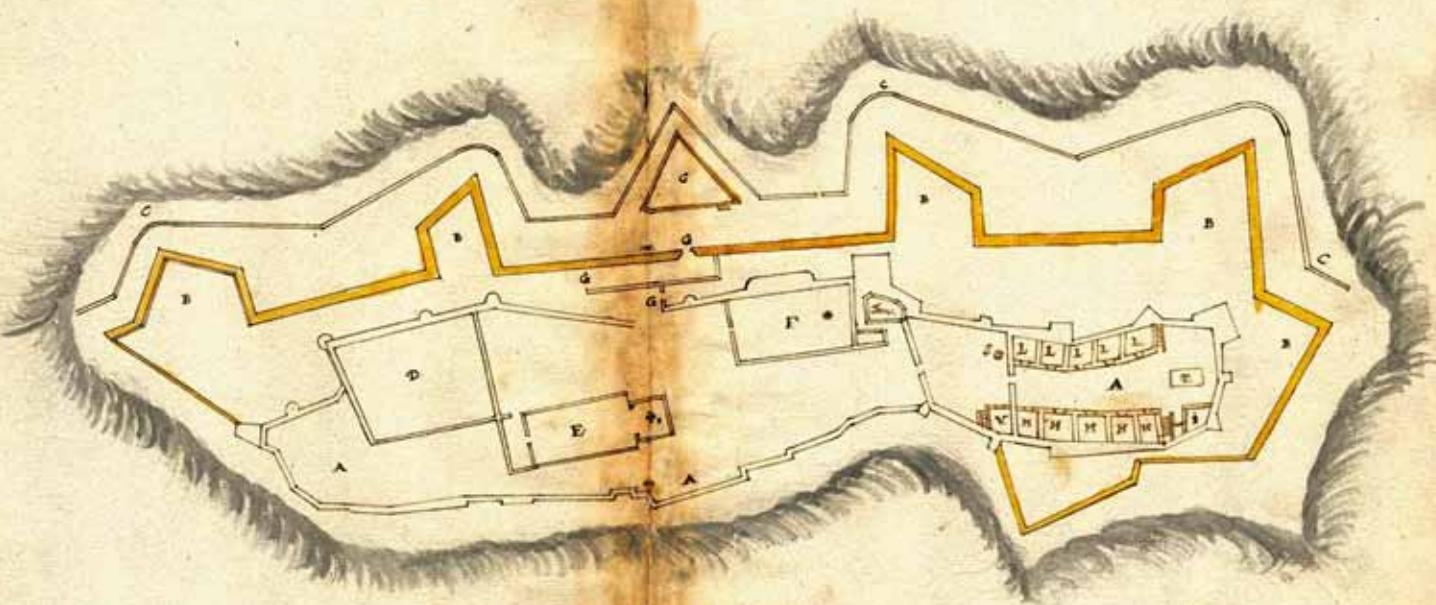
3.

4.



1. Pormenor dos silos escavados | 2. Aspecto da escavação junto à Muralha Nascente | 3. Pucarinho. Decoração estampilhada (séc. X)  
4. Sepultura 2 - Cemitério dos Cavaleiros da Ordem de Santiago

*Planta do Castelo da villa de Palmella*



Rio de Casim



- A. Ocaste do Arzobispo e de suas dependencias com o jardim por baixo
  - B. Ocaste da casa do capitão e de suas dependencias
  - C. Estrada da Condição, e de suas dependencias e portões de entrada
  - D. Cozinha dos Senhores
  - E. Igreja da Nossa Senhora de Fátima
  - F. Torre da Moura
  - G. Torre da Fortificação
- Esta planta foi feita e levantada no anno de 1743 por ordem do Sr. Rey D. João V. e do Sr. Governador D. João de Castro e Almeida.

Planta do Castelo da villa de Palmella in Livro de várias plantas deste Reino e de Castela [entre 1699-1743],  
fólios 8v-9, de João Tomás Correia. Biblioteca Nacional de Portugal

Na segunda metade do século XII/primeira metade do século XIII, a vocação militar acentua-se em pleno período da reconquista. Foi doado aos freires de Santiago em 1186, que aqui instalam um convento-sede, com valências de aquartelamento militar, preparado para enfrentar o avanço português nas terras muçulmanas a sul. Desse período, um cemitério de cavaleiros da Ordem foi reconhecido e escavado pelos arqueólogos no espaço central da alcáçova.

Após a conquista de Alcácer do Sal, em 1217, a mudança da sede conventual não impediu que permanecessem no castelo um grupo de freires e o seu comendador, a quem estavam adstritas funções complementares de defesa e administração dos bens fundiários e fiscais da região. A edificação da Igreja de Santa Maria deve remontar a este período, sendo já referida num rol de igrejas de 1259.

A transferência definitiva da sede da Ordem de Santiago para Palmela, com a construção de um convento e uma igreja (c. 1443-1482) e reformulações da fortaleza, virá aproximar o castelo e a vila da orla dos poderes régio e clerical. Successivos mestres ligados à família real gerem os poderes e os bens da Ordem a partir de Palmela. D. Jorge, filho bastardo de D. João II, o último desses mestres, marcou de forma notável o seu governo do convento, patrocinando iniciativas artísticas e culturais de grande modernidade e provendo de forma rigorosa à administração e manutenção do património da Ordem.

Em 1610, perante as necessidades de obras no convento, o arquitecto régio Filipe Térzio desenha a planta de um novo edifício, que se construirá sobre o anterior espaço conventual e que só se concluirá em inícios do século XVIII.

Na decoração arquitectónica do convento e da igreja intervirá o arquitecto régio João Antunes. É também durante o século XVII (reinado de D. Pedro II, terminado em 1689) que se constrói o sistema abaluartado, com risco de João Rodrigues Mouro e se edifica um conjunto de quartéis na Praça de Armas.

Entre 1834 e os inícios do século XX, estando a fortaleza sob administração militar, o conjunto monumental do castelo de Palmela sofreu graves destruições e espoliações. No entanto, a sua importância geoestratégica é ainda no século XIX notória – aqui se instala um posto de transmissões militares, só desactivado em 1993. Classificado como Monumento Nacional em 1910, as primeiras acções de restauro, pela DGEMN, ocorreram entre 1934 e 1940 e incidiram sobre algumas torres, panos de muralha e igreja de Santiago. O convento propriamente dito só será recuperado nos anos 70, do século passado, no âmbito de um projecto de adaptação a pousada de turismo, funcionalidade que mantém até hoje.

O último momento de intervenção de restauro e valorização do monumento inicia-se nos anos 90 do séc. XX, por iniciativa municipal, com o *Programa de Recuperação e Animação do Castelo de Palmela* (PRAC), que numa forma integrada, viabiliza a investigação histórica e arqueológica do conjunto e a recuperação e revitalização de vários espaços. Esta fase começará a ganhar nova expressão hoje, com a aprovação da candidatura que o município de Palmela apresentou ao Quadro de Referência Estratégica Nacional (QREN), com o projecto de *Recuperação e Dinamização do Centro Histórico de Palmela*.



### 1. Panela

Cerâmica. Sécs. VII-VIII  
Castelo de Palmela (Galeria 4)  
C.PAL.93.28  
Dimensões: 190 mm (altura); 130 mm (Ø de bordo); 120 mm (Ø de fundo)

### 2. Taça

Cerâmica. Finais do séc. X – Inícios do XI  
Decoração a Verde e Manganês  
Castelo de Palmela (Galeria 4)  
C.PAL.98.181  
Dimensões: 65 mm (alt.); 232 mm (Ø de bordo)

### 3. Cantil

Cerâmica. Período Almóada (Finais do séc. XII)  
Decorado com pintura a vermelho  
Castelo de Palmela (Mur. Nascente)  
C.PAL.03.07  
Dimensões: 340 mm (alt.); 80 mm (Ø de bordo)

### 4 a 6. Pucarinhos

Cerâmica. Finais séc. XII – Séc. XIII  
Castelo de Palmela (Silo 7)  
C.PAL.99.01 a 03  
Dimensões: 111 mm; 115 mm; 100 mm (alt.); 75 mm; 80 mm; 85 mm (Ø de bordo); 60 mm; 65 mm; 55 mm (Ø de fundo)

### 7. Taça

Faiança. Sécs. XVII-XVIII  
Castelo de Palmela (Convento)  
C.PAL.03.31  
Dimensões: 39 mm (alt.); 140 mm (Ø de bordo); 67 mm (Ø de fundo)

### 8. Taça

Faiança. Séc. XVII  
Decoração Espada-Cruz da Ordem  
Castelo de Palmela (Convento)  
C.PAL.03.289  
Dimensões: 60 mm (Ø de fundo);

### 9. Azulejo de aresta

Cerâmica de revestimento. Séc. XVI  
Castelo de Palmela  
C.PAL.01  
Dimensões: 140 mm (comprimento); 140 mm (largura); 15 mm (espessura)

### 10. Ponta de lança

Ferro Séc. XII  
Castelo de Palmela (Muralha Nascente)  
C.PAL.03.15  
Dimensões: 267 mm (comp.); 50mm (esp.)

### 11. Pontas de seta e de virote

Ferro. Séc. XII  
Castelo de Palmela (Muralha Nascente)  
C.PAL.03.15 a 19  
Dimensões: entre 60 e 105 mm (comp.); 10 mm (esp.)

### 12. Frade

Terracota. Sécs. XVII-XVIII  
Castelo de Palmela (Convento)  
CONV.03.210  
Dimensões: 30 mm (alt.);

### 13. Insígnia

Liga de Chumbo. Finais do séc. XII – inícios do XIII  
Inscrição: S.ORDINIS : M . SCI : IACOBI  
Legenda: S(ignum) Ordinis : M(ilice) S(an)C(t)l : Iacobi  
Castelo de Palmela (sepultura 2)  
C.PAL.97.11  
Dimensões: 47 mm (comp.); 43 mm (larg.); 6 mm (esp.)

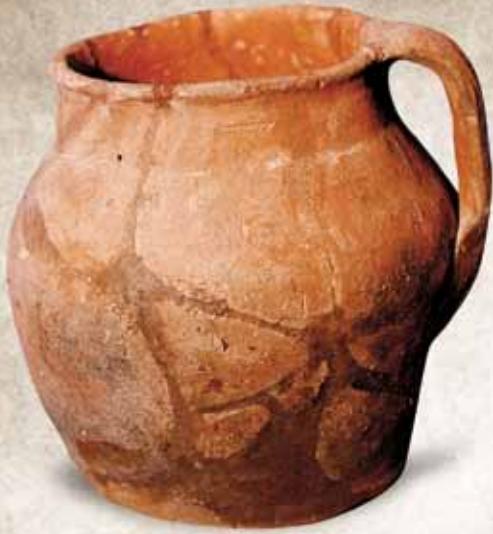
### 14. Heliógrafo Martins

Metal, madeira, vidro. 1900 (usado na 2ª metade do séc. XX)  
M.A.T. Inv.: nº 0414  
Tripé: 1 m (alt.); Espelho e Moldura 42,5x42,5x2,8 cm  
De fabrico português, este aparelho de telegrafia óptica equipou as estações da rede heliográfica que cobria o país. Transmite sinais

Morse por reflexão dos raios solares em espelhos, através de uso de espelhos quadrados com 40 cm de lado e um alcance de 50 Km. Em Palmela esteve instalado, desde 1885, um heliógrafo do tipo Martins, aplicado num suporte de pedra erguido para o efeito a Nordeste da Praça de Armas do Castelo. Hoje constitui parte da coleção museológica do Espaço de Transmissões Militares deste castelo.



13 .



1.



3.



4.



5.



6.



Vista aérea do Castelo de Palmela e parte da malha urbana.  
Fotografia de Carlos Sargedas/Falcão Azul

## PALMELA E O MUNDO: SINAIS DE UMA ECONOMIA FLORESCENTE

A posição privilegiada de Palmela, como centro de poder político e económico, numa relação de proximidade com a costa, abastecida pelos portos de Setúbal, Sesimbra e Lisboa, potenciou o acesso a bens e produtos exógenos. Os contactos comerciais e culturais com o

mundo têm sido documentados nas intervenções arqueológicas realizadas no Centro Histórico, através da recolha de objectos oriundos de distintas paragens: Espanha, Holanda, Itália, China, Norte de África e outras regiões do Mediterrâneo.

### 1. Taças

Cerâmica. Sécs. X a XII  
Decoração a Corda Seca (Total e Parcial)  
Castelo de Palmela (Galerias)  
C.PAL.93.13; C.PAL.92.14  
Dimensões: 120 mm (Ø de fundo);  
260 mm (Ø de bordo)

### 2. Caçarola vidrada

Cerâmica. Séc. XIV  
Produção Nazarí  
Rua de Nenhores (Silo 15)  
R.NENH.03.09  
Dimensões: 54 mm (alt.); 140 mm  
(Ø de bordo); 125 mm (Ø de fundo)

### 3. Taça esmaltada

Cerâmica. Séc. XV  
Produção Valenciana  
Representação das Armas do Reino  
de Aragão  
Exemplo das cerâmicas de  
importação recolhidas no Mercado  
Velho.  
M.P.02.5  
Dimensões: 60 mm (alt.); 148 mm  
(Ø de bordo); 70 mm (Ø de fundo)

### 4. Prato vidrado

Cerâmica. Finais do séc. XIV -  
Inícios do XV  
Produção Sevillhana "Série Verde"  
Mercado Velho  
M.P.02.959  
Dimensões: 30 mm (alt.); 240 mm  
(Ø de bordo); 70 mm (Ø de fundo)

### 5. Taça

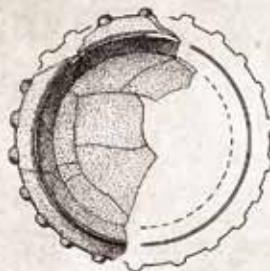
Cerâmica. Sécs. XV-XVI  
Produção Majólica  
R. Augusto Cardoso  
R.A.C.90.1  
Dimensões: 40 mm (alt.); 175 mm  
(Ø de bordo); 70 mm (Ø de fundo)

### 6. Âmbula de Peregrino

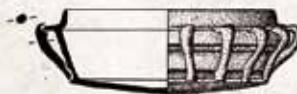
Liga de chumbo. Séc. XIV  
Rua de Nenhores  
R.NENH.03.03  
Dimensões: 54 mm (alt.);  
25 mm (larg.); 55 gr. (peso)



19



2.



3.



6.



## RUA A RUA... A MEMÓRIA QUE PISAMOS!

As acções de arqueologia urbana desenvolvidas no Centro Histórico, em mais de duas décadas, têm contribuído de modo decisivo para o aumento do conhecimento que possuímos sobre este espaço. São muito significativos os dados obtidos através do estudo de materiais e contextos arqueológicos relacionados com a ocupação do cerro de Palmela, desde a Pré-História Antiga (Paleolítico Médio/ Neolítico Antigo - Quinta da Cerca) e em particular, com a ocupação dos períodos Medieval Islâmico, Medieval Cristão e Moderno.

Hoje, os sítios arqueológicos do Mercado Velho, da Rua de Nenhures, da Rua do Castelo, da Rua Augusto Cardoso e dos Paços do Concelho destacam-se pela importância e riqueza da sua documentação arqueológica. Os conjuntos artefactuais, em especial as cerâmicas e os vestígios estruturais são fontes de informação preciosa sobre os métodos de edificar, as técnicas e materiais de construção utilizados, a organização espacial, a evolução urbana, a dinâmica económico-social da urbe e os modos de vida quotidiana das populações.

1.



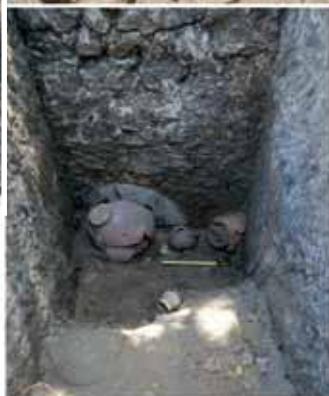
2.



3.



4.



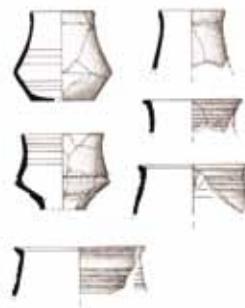
1. Rua de Nenhures. Silos (área escavada)
2. Rua do Castelo. Escavação arqueológica
3. Mercado Velho. Aspecto geral dos trabalhos
4. Conjunto de cerâmicas. Período Moderno.

## Rua de Nenhures

Na área escavada (1988, 2003 e 2009), individualizaram-se diferentes contextos habitacionais, com distintos momentos de construção, utilização e abandono, balizados entre o séc. XIII e o séc. XVIII. Para poente, na Plataforma 1, registou-se uma bateria de 30 silos – estruturas de armazenagem, com variado espólio (cerâmicas, metais e moedas) datável do final da ocupação islâmica e da reconquista. Algumas destas estruturas negativas foram sendo sucessivamente reutilizadas até à Época Moderna, já com funções distintas (lixreira). Destaca-se também um forno de cerâmica tardo-medieval / moderno, identificado na primeira intervenção realizada neste sítio arqueológico. A Rua de Nenhures é hoje reconhecida como o legado cultural mais importante, do período muçulmano e da reconquista, escavado fora muralhas, em plena área urbana.



5.

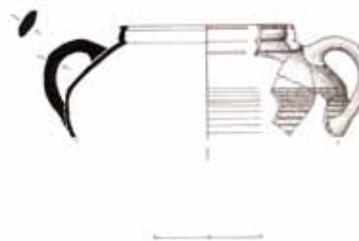


6.

## Mercado Velho

Local periférico ao núcleo do arrabalde funcionou como zona de lixeira comunitária, tornando-se arqueologicamente expressivo pela variedade de cerâmicas e elementos metálicos recolhidos, enquadráveis entre os séculos XIII e XV, a par de outros vestígios de cronologias mais antigas, como os períodos Romano e Visigótico.

Os contributos desta intervenção são notáveis para o conhecimento da evolução e do quotidiano tardo-medieval da área urbana, sobretudo num dos momentos relevantes da história de Palmela (séc. XV), momento em que a sede da Ordem de Santiago se instala no castelo de Palmela.



7.

5. Silo 14 (Rua de Nenhures). Pormenor da mó no interior.

6. Cerâmicas da Rua de Nenhures

7. Painela. Período Almóada (Séc. XII)

## VITRINE 1

### 1. Pote

Cerâmica. Sécs. XVI-XVII  
Decoração incisa  
Rua de Nenhures. Plataforma 1  
R. NENH.09.01  
Dimensões: 433 mm (alt.); 205 mm (Ø de bordo); 134 mm (Ø de fundo)

### 2. Bilha

Cerâmica. Sécs. XVI-XVII  
Rua de Nenhures. Plataforma 1  
R. NENH. 09.02  
Dimensões: 315 mm (alt.); 110 mm (Ø de bordo); 110 mm (Ø de fundo)

### 3. Panela

Cerâmica. Sécs. XII-XIII  
Rua de Nenhures. Plataforma 1  
R. NENH. 03.11  
Dimensões: 165 mm (alt.); 138 mm (Ø de bordo); 115 mm (Ø de fundo)

### 4. Panela

Cerâmica. Séc. XV-XVI  
Rua de Nenhures. Plataforma 1  
R. NENH. 09.04  
Dimensões: 152 mm (alt.); 125 mm (Ø de bordo); 95 mm (Ø de fundo)

### 5. Panela

Cerâmica. Sécs. XIII-XIV  
Rua de Nenhures. Silo 9  
R. NENH. 03.10  
Dimensões: 185 mm (alt.); 180 mm (Ø de bordo); 145 mm (Ø de fundo)

### 6. Alguidar

Faiança. Séc. XVI  
Decoração azul sobre esmalte branco  
Rua de Nenhures. Plataforma 1  
R. NENH. 09.08  
Dimensões: 86 mm (alt.); 350 mm (Ø de bordo); 270 mm (Ø de fundo)

### 7. Taça

Faiança. Séc. XVI  
Esmaltada a branco  
Rua de Nenhures. Plataforma 1  
R. NENH. 88.92  
Dimensões: 60 mm (alt.); 140 mm (Ø de bordo); 73 mm (Ø de fundo)

### 8. Prato

Faiança. Séc. XVI  
Esmaltado a branco com fundo em ônfalo  
Rua de Nenhures. Plataforma 1  
R. NENH. 09.09  
Dimensões: 35 mm (alt.); 200 mm (Ø de bordo); 40 mm (Ø de fundo)

### 9. Tigela

Cerâmica. Sécs. XVI-XVII  
Rua de Nenhures. Plataforma 1  
R. NENH. 09.03  
Dimensões: 62 mm (alt.); 165 mm (Ø de bordo); 70 mm (Ø de fundo)

### 10. Dinheiro. D. Afonso I

1128-1185  
Rua de Nenhures. Silo 6  
R. NENH.03.21  
Dimensões: 15 mm Ø; 1 gr. (peso)

### 11. Dinheiro. D. Sancho II

1223-1248  
Rua de Nenhures. Silo 6  
R. NENH.03.22  
Dimensões: 15 mm Ø; >1 gr. (peso)

### 12 e 13. Dinheiros. D. Dinis

1279-1325  
Rua de Nenhures. Plataforma 1;  
Silo 15  
R. NENH.03.23 a 24  
Dimensões: 18 mm; 15 mm Ø;  
>1 gr. (peso)

### 14 e 15. Ceitil. D. João III

1521-1557  
Rua de Nenhures. Silo 20  
R. NENH.03.25 a 26  
Dimensões: 19 mm; 15 mm Ø;  
>1 gr. (peso)

### 16. Conjunto de moedas. 1ª Dinastia

Sécs. XII - XIII  
Rua de Nenhures. Silo 6  
R. NENH.03.27 a 34  
Dimensões: entre 0.5 a 1 gr (peso)

### 17. Potinho

Cerâmica. Sécs. XVI-XVII  
Rua de Nenhures. Plataforma 1  
R. NENH. 09.06  
Dimensões: 152 mm (alt.); 99 mm (Ø de bordo); 64 mm (Ø de fundo)

### 18. Tampa

Cerâmica. Sécs. XVI-XVII  
Rua de Nenhures. Plataforma 1  
R. NENH. 09.07  
Dimensões: 99 mm Ø

### 19. Copo

Cerâmica. Sécs. XII-XIII  
Rua de Nenhures. Silo 6  
R. NENH. 03.07  
Dimensões: 118 mm (alt.); 83 mm (Ø de bordo); 65 mm (Ø de fundo)

### 20. Pucarinho

Cerâmica. Sécs. XVI-XVII  
Rua de Nenhures. Plataforma 1  
R. NENH. 09.05  
Dimensões: 95 mm (alt.); 70 mm (Ø de bordo); 40 mm (Ø de fundo)

### 21. Talha (?)

Cerâmica. Sécs. XII-XIII  
Decoração pintada a branco.  
Motivo epigráfico (?)  
Rua de Nenhures. Silo 6  
R. NENH. 03.20  
Dimensões: 10 mm (esp.)

### 22. Candeia

Cerâmica. Sécs. XV-XVI  
Rua de Nenhures. Plataforma 1  
R. NENH. 88.43  
Dimensões: 30 mm (alt.); 55 mm Ø



1.



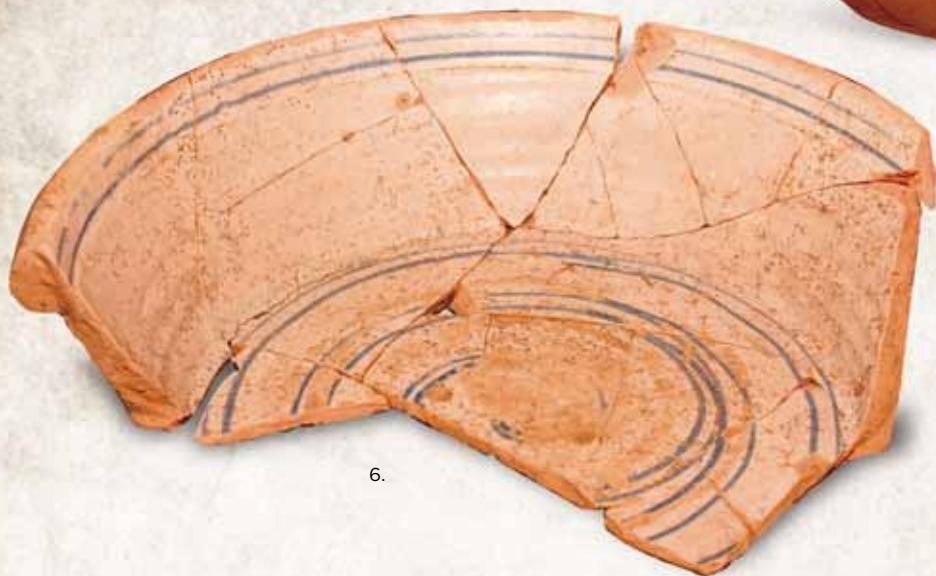
2.



3.



6.



17.



18.



## VITRINE 2

### 23 a 25. **Caçarolas de dupla pega**

**Cerâmica.** Sécs. XV-XVI  
Mercado Velho de Palmela  
M.P.02.134; M.P.02.3; M.P.02.42  
Dimensões: 260 mm; 260 mm; 270 mm (Ø de bordo); 240 mm; 250 mm (Ø de fundo)

### 26 e 27. **Panelas**

**Cerâmica.** Sécs. XV-XVI  
Mercado Velho de Palmela  
M.P.02.2; M.P.2.29  
Dimensões: 135 mm; 163 mm (alt.); 180 mm; 190 mm; (Ø de bordo)

### 28. **Caçarola pequena**

**Cerâmica.** Sécs. XV-XVI  
Mercado Velho de Palmela (lixeira)  
M.P. 02.970  
Dimensões: 50 mm (alt.); 150 mm (Ø de bordo); 5 mm; 4 mm (Ø de fundo)

### 29. **Fivela**

**Bronze.** Sécs. XV-XVI  
Mercado Velho de Palmela  
M.P.02.963  
Dimensões: 36 mm (comp.)

### 30. **Elemento de fivela**

**Bronze.** Período Visigótico  
Mercado Velho de Palmela  
M.P.02.383  
Dimensões: 33 mm (comp.)

### 31. **Fivela**

**Bronze.** Séc. XV  
Mercado Velho de Palmela  
M.P.02.962  
Dimensões: 43 mm (comp.)

### 32. **Elemento de chave**

**Bronze.** Sécs. XV-XVI  
Mercado Velho de Palmela  
M.P.02. 401  
Dimensões: 27 mm (comp.)

### 33. **Conta de colar**

**Pasta vítrea.** Período Moderno  
Rua do Castelo, n.º 4  
R.C.4.89.142  
Dimensões: 11 mm Ø

### 34. **Taça vidrada**

**Cerâmica.** Sécs. XV-XVI  
Mercado Velho de Palmela  
M.P. 02.4  
Dimensões: 62 mm (alt.); 140 mm (Ø de bordo); 60 mm (Ø de fundo)

### 35. **Taça vidrada**

**Cerâmica.** Sécs. XV-XVI  
Rua Augusto Cardoso  
R.A.C.90.50  
Dimensões: 55 mm (alt.); 150 mm (Ø de bordo); 60 mm (Ø de fundo)

### 36. **Jarrinho vidrado**

**Cerâmica.** Séc. XVII  
Rua do Castelo, n.º 4  
R.C.4.88.102  
Dimensões: 105 mm (alt.); 60 mm (Ø de fundo)

### 37. **Copo**

**Cerâmica.** Sécs. XV-XVI  
Mercado Velho de Palmela  
M.P.02.6  
Dimensões: 80 mm (alt.); 80 mm (Ø de bordo); 70 mm (Ø de fundo)

### 38. **Tigela**

**Cerâmica.** Sécs. XV-XVI  
Mercado Velho de Palmela  
M.P. 02.400  
Dimensões: 40 mm (alt.); 130 mm (Ø de bordo); 60 mm (Ø de fundo)

### 39. **Taça**

**Cerâmica.** Sécs. XIV-XV  
Produção Sevilhana  
Mercado Velho de Palmela  
M.P. 02.187  
Dimensões: 100 mm (Ø de bordo)

### 40. **Prato**

**Faiança.** Sécs. XV-XVI  
Produção Sevilhana  
Mercado Velho de Palmela  
M.P.02.18  
Dimensões: 230 mm (Ø de bordo)

### 41. **Prato**

**Faiança.** Sécs. XV-XVI  
Majólica Holandesa. Decoração policroma.  
Rua Coronel Galhardo (obras)  
R.C.G.91.11  
Dimensões: 200 mm (Ø de bordo)

### 42. **Alguidar** (?)

**Faiança.** Sécs. XV-XVI  
Decoração azul sobre esmalte branco.  
Motivos epigráficos  
Rua Augusto Cardoso (obras)  
R.A.C.90.118  
Dimensões: 9 mm (esp.)

### 43. **Prato**

**Faiança.** Sécs. XV-XVI  
Produção Valenciana.  
Decoração a dourado sobre esmalte branco.  
Rua Augusto Cardoso (obras)  
R.A.C.90.15  
Dimensões: 11 mm (esp.)

### 44. **Candeia**

**Cerâmica.** Sécs. XV-XVI  
Mercado Velho de Palmela  
M.P.02.678  
Dimensões: 31 mm (alt.); 50 mm (Ø de fundo)

### 45 a 47. **Pratos**

**Faiança.** Sécs. XVII-XVIII  
Decoração azul sobre esmalte branco  
Rua do Castelo, n.º4  
R.C.4.89.124; R.C.4.89.140 a 141  
Dimensões: 160 mm; 180 mm (Ø de bordo); 140 mm (Ø de fundo)

48 e 49. **Pratos**

Faiança. Séc. XVI

Decoração a azul e vinoso sobre  
esmalte branco

Rua F. Jerónimo de Brito de Mello

R.J.B. 90.5 a 6

Dimensões: 120 mm; 160 mm

(Ø de bordo)

50 e 51. **Pratos**

Cerâmica. Séc. XV

Produção Sevilhana

Mercado Velho de Palmela

M.P.02.25; M.P.02.279

Dimensões: 240 mm; 240 mm

(Ø de bordo)



25



34.



35.



29.



30.



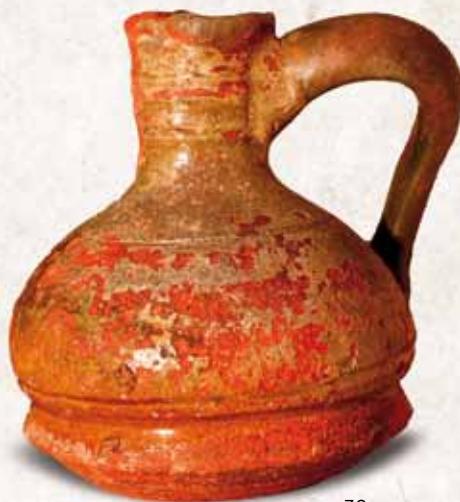
31.



32.



33.



36.



42.



37.

**52 a 54. Taças de pé anelar (fragmentos)**

Faiança. Sécs. XV-XVI  
Produções Valencianas  
Mercado Velho de Palmela  
M.P.02.46; M.P.02.64; M.P.02.316  
Dimensões: 55 mm; 60 mm;  
55 mm (Ø de fundo)

**55. Taça**

Faiança. Sécs. XV-XVI  
Produção Valenciana  
Mercado Velho de Palmela  
M.P.02.47  
Dimensões: 120 mm (Ø de bordo)

**56. Cinco Reis. D. João Príncipe Regente**

1799 - 1816  
Rua do Castelo, n.º 4 (obras)  
R.C.4.92.346  
Dimensões: 30 mm Ø; 5 gr. (peso)

**57. Dinheiro. D. Sancho II**

1233 - 1248  
Rua do Castelo, n.º 4 (obras)  
R.C.4.92.340  
Dimensões: 15 mm Ø; > 1 gr. (peso)

**58. Cinco Reis. D. José**

1766  
Rua Coronel Galhardo (obras)  
R.C.G.91.6  
Dimensões: 29 mm Ø; 5 gr. (peso)

**59. Três Reis. D. João III**

1521 - 1557  
Rua Augusto Cardoso  
R.A.C.90.84  
Dimensões: 27 mm Ø; 5 gr. (peso)

**60. Três Reis. D. José**

1764  
Rua Coronel Galhardo (obras)  
R.C.G.91.5  
Dimensões: 29 mm Ø; 5 gr. (peso)



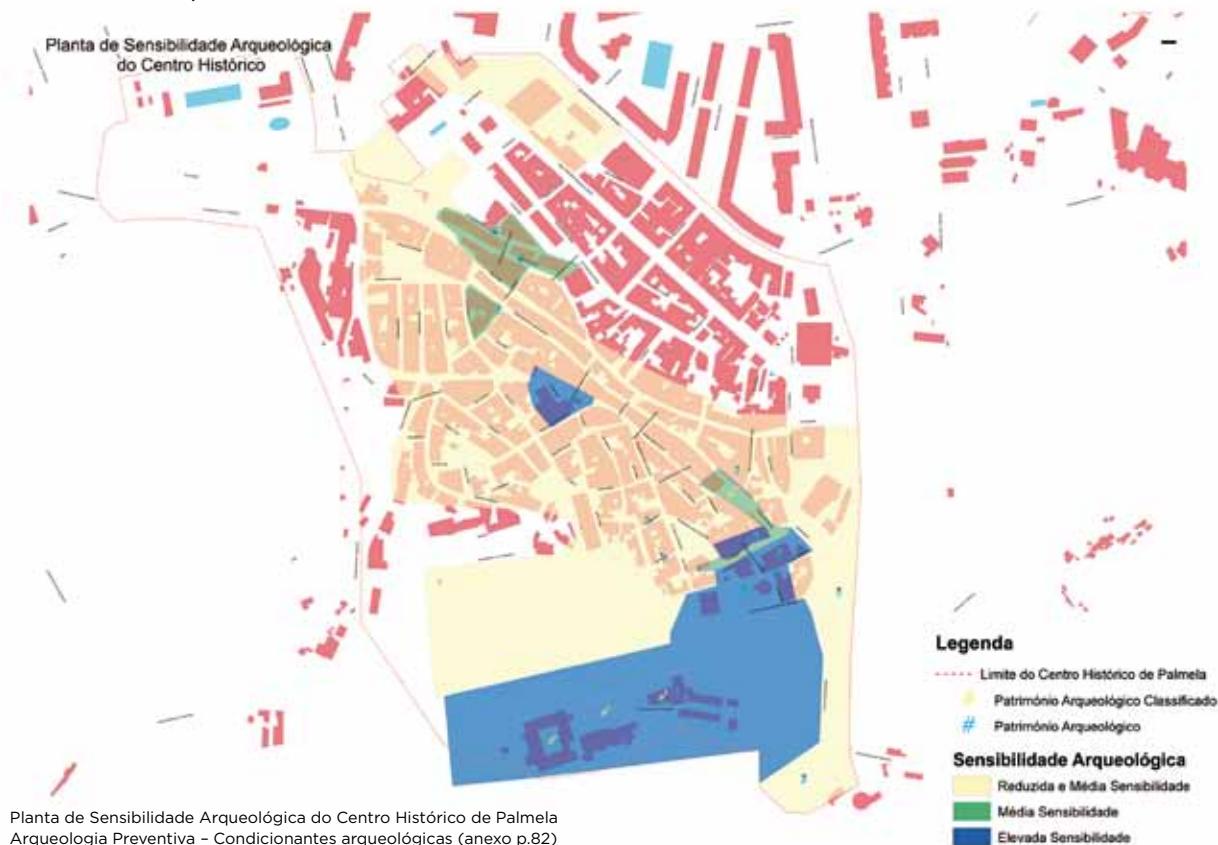
# ARQUEOLOGIA URBANA: PRESERVAR O PASSADO NA CONSTRUÇÃO DO FUTURO



27

O Centro Histórico é um sítio arqueológico da maior relevância. Garantir o seu conhecimento é garantia de preservação de Memórias, de construção de Identidade.

A Arqueologia Urbana é uma acção de registo e salvaguarda de vestígios patrimoniais que testemunhem a ocupação humana, desde o passado até hoje, em áreas urbanas (Centros Históricos e/ou outros núcleos urbanos).



Emissão de Parecer técnico sobre projectos de licenciamento urbanístico de construção, renovação ou alteração de imóvel) (fase: projecto de arquitectura), que assegurem a preservação do património arqueológico, de acordo com o definido na Lei Bases do Património Cultural (Lei n.º 107/01). Procedimento comum a todos os níveis de sensibilidade.



Acompanhamento arqueológico de obras (construção, renovação e alteração) que impliquem remeximento do solo, nos locais de reduzida ou média sensibilidade arqueológica.



Sondagens de diagnóstico para registo prévio (anterior ao início das empreitadas) de vestígios arqueológicos e salvaguarda do património existente. Procedimento essencial para a definição de condicionantes arqueológicas e implementação de medidas de minimização de impactes; aplicável a zonas de média sensibilidade.



Escavações e/ou sondagens arqueológicas, sempre que existam vestígios arqueológicos relevantes ou em áreas onde o potencial arqueológico é elevado. Zonas de elevada sensibilidade ou dependendo dos resultados obtidos em



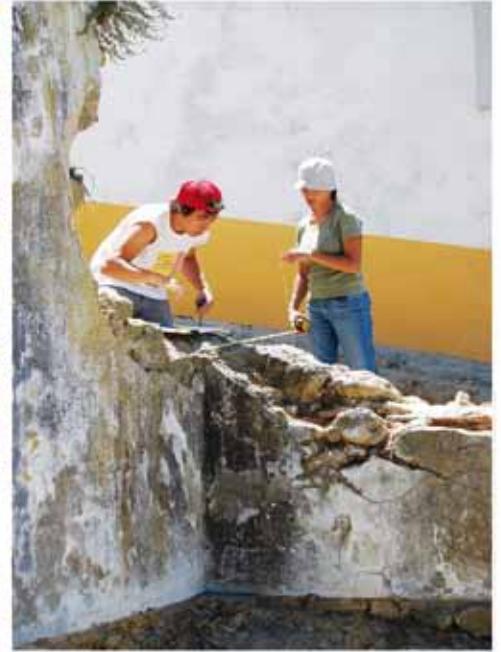
1.



2.



3.



4.



## PALMELA MEDIEVAL - DA PRESENÇA ISLÂMICA À URBE DE QUINHENTOS

As populações organizadas em quintas, casais e aldeias instalaram-se na região de Palmela devido aos seus atractivos naturais. No período romano polarizada entre Salacia, Cetóbriga e Olisipo, Palmela redefine-se em época islâmica, mantendo Al-Ushbuna (Lisboa) e Qasr Abi Danis (Alcácer do Sal) como centros urbanos de referência.

O castelo de Palmela, enquanto centro de radicação de poderes, foi determinante na origem e na estruturação do povoado. Contudo, compreender esse processo de fixação e desenvolvimento não é fácil, pois a construção dos baluartes no século XVII e de um cemitério e um miradouro a leste, nos últimos séculos, vieram destruir toda a ocupação da primeira encosta norte e nascente, junto à primitiva muralha.



1.



2.



3.

Não está comprovada a existência de uma primeira *madina* intra-muros, no *hisn Balmalla* (castelo de Palmela), mas a existência de uma igreja dedicada a Santa Maria, dentro de portas, pode remeter para uma anterior mesquita. A arqueologia recolheu - em mais de duas dezenas de silos e fossas na Rua de Nenhures -, cerâmicas islâmicas do século XII; tendo em conta a data de 1170 para a concessão do foral aos mouros forros, é plausível a interpretação do sítio como parte da primitiva comuna muçulmana de Palmela.

Essa área da encosta norte do castelo, prolongando-se na direcção noroeste, conhecida ainda hoje por **Arrabalde**, corresponderá ao casco urbano da povoação islâmica, depois bairro muçulmano sob o domínio cristão, com uma duração limitada. No traçado sinuoso das ruas, nos pátios, travessas, muros densos, becos e escadas, e na configuração de algumas casas são igualmente reconhecíveis elementos característicos do ur-

banismo muçulmano. Vivia esta comunidade da actividade agrícola ou de pequenos ofícios (ex. ferreiro, alfaiate, sapateiro) e estava obrigada ao pagamento de alguns tributos anuais.

A ocupação medieval cristã, estimulada pela atribuição de foral à vila (1185) e pela presença da Ordem de Santiago no castelo (1186), estava primeiro adstrita à primeira paroquial - igreja de Santa Maria, localizada no castelo, à qual se acedia por um caminho íngreme que tomava a direcção nordeste.

A partir do século XIII o povoado cristão expande-se para norte e noroeste, ocupando áreas antes destinadas aos mouros forros. A construção, provavelmente nos finais do século XIII ou inícios do XIV, da igreja de S. Pedro, que passa a paroquial, desloca o fulcro da vida urbana para o largo fronteiro e imediações. A ligação ao meio rural era intensa, com espaços hortícolas dentro da vila e nos seus limites, pastagens e floresta na envolvente.

## A tipologia da casa urbana em Palmela

A casa urbana medieval tinha uma só fachada para a rua.

Verifica-se, nos edifícios mais antigos, uma forte presença de telhados de tesouro, de quatro e de duas águas, tendo a cumeeira - pouco elevada, como é tradicional no Sul do país - perpendicular à fachada. A estrutura que suporta estes telhados é em madeira, de desenho mui-

to simples, em geral com madres encastradas nas paredes estruturais, onde assentam vigas ou barrotes apoiados, também, nas paredes de fachada. Na tipologia de edifício em planta comprida, o telhado de 4 águas devia verificar-se com menos frequência sendo mais evidente, por economia de meios, a aplicação do telhado de duas águas.



4.



5.

Hoje, uma grande maioria dos telhados está profundamente alterada e é raro corresponder à versão original, sendo vasto o tipo de telhas utilizadas no recobrimento, desde a tradicionalíssima telha moldada de meia cana “mourisca ou portuguesa”, até às “Marselhas”.

Se é possível perceber, em traços gerais, a

evolução do tecido urbano (no contexto geográfico e temporal), já no que se refere ao edificado, verifica-se que não acompanha exactamente essa lógica, pois muitos edifícios deram lugar a outros mais recentes, pelo que o resultado das suas datações não espelha exactamente a evolução lógica da malha urbana, a efectuar-se de Sul para Norte.

### 1. Vaso de noite

Cerâmica. Séc. XVII  
Rua do Castelo, n.º 4  
R.C.4.88.100  
Dimensões: 246 mm (alt.); 210 mm  
(Ø de bordo); 180 mm (Ø de fundo)

### 2. Fogareiro

Cerâmica. Sécs. XVI - XVII  
Rua de Nenhures. Plataforma 1  
R. NENH.09.10  
Dimensões: 250 mm (alt.);  
178 mm (Ø de fundo)

### 3. Panela

Cerâmica. Sécs. XVI-XVII  
Rua de Nenhures. Plataforma 1  
R. NENH.09.11  
Dimensões: 200 mm (alt.); 150 mm  
(Ø de bordo); 120 mm (Ø de fundo)

### 4. Miniaturas (brinquedos?)

Cerâmica. Sécs. XV-XVI  
Caçarola, copo e copinho  
Mercado Velho de Palmela.  
M.P.02.43 a 45  
Dimensões: 40 mm; 39 mm; 44  
mm (alt.); 120 mm; 40 mm; (Ø de  
bordo); 110 mm; 20 mm;  
40 mm (Ø de fundo)

### 5. Pente

Ossó. Sécs. XVII-XVIII  
Castelo de Palmela (Convento)  
CONV.03.322  
Dimensões: 45 mm (larg.);  
3 mm (esp.)

### 6. Malhas de jogo

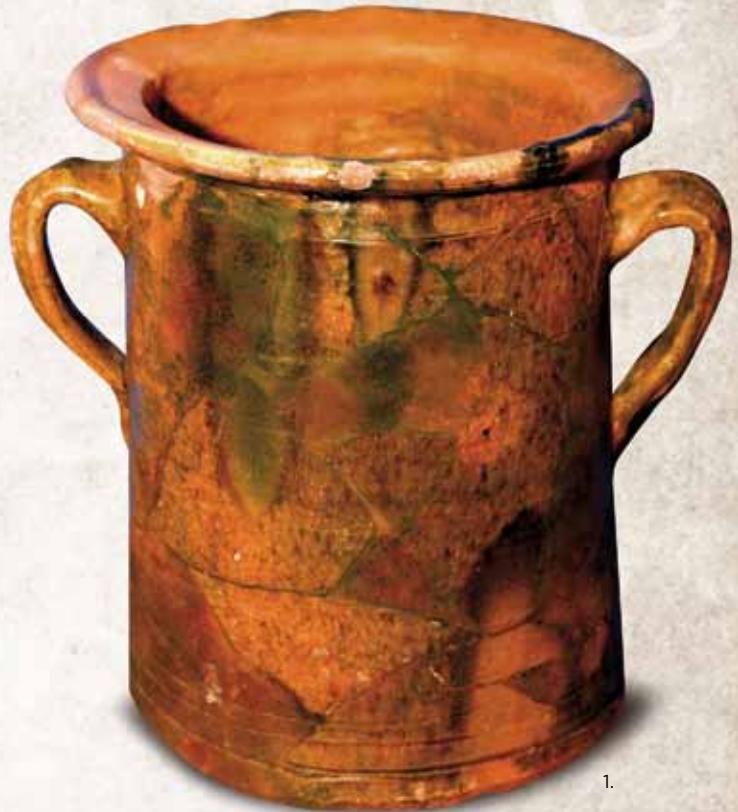
Cerâmica. Sécs. XVI-XVII  
Rua do Castelo, n.º 4  
R.C.4.88.132 a 134  
Dimensões: entre os 40 mm e os 20  
mm de Ø; entre os 3 mm e os  
5 mm (esp.)

### 7. Peças de Jogo (?)

Conjunto de vértebras de peixe  
Sécs. XVII-XVIII  
Castelo de Palmela (Convento)  
CONV.03.1334  
Dimensões: entre os 8 mm e os  
19 mm (alt.)

### 8. Chave

Bronze. Sécs. XVI-XVII  
Rua de Nenhures. Plataforma 1  
R.NENH.88.98  
Dimensões: 33 mm de Ø;  
40 mm (comp.)





## Palmela, vila

1323 é data de elevação da povoação de Palmela a vila, o que indicia estabilidade e aumento demográfico.

No quadro da crise de 1383/85, Palmela é favorável ao Mestre de Avis. Nuno Álvares Pereira comunica, através de almenaras, de Palmela com Lisboa a fim de assegurar reforços à capital. Em 1384, durante o cerco de Lisboa pelos castelhanos, Palmela sofre um ataque destas tropas que - não conseguindo conquistar a fortificação - arrasam os arrabaldes. Resolvida a crise, apesar das frequentes fomes e epidemias, a paz de quatrocentos propicia um desenvolvimento económico também sentido em Palmela.

Em 1423, D. João I instala definitivamente a sede da Ordem de Santiago em Palmela e inicia as obras de construção da igreja e do convento, que se irão prolongar até finais do séc. XV. O Castelo mantém parte do seu prestígio militar e concentra a supremacia e o poder religiosos. O século XV em Palmela foi dominado pelos espatários e pela permanência das comunidades moura e judaica, só “erradicadas” com o decreto de expulsão de D. Manuel, em 1496.

Em 1512 é atribuído Foral novo à povoação. O numeramento de 1527-32 - primeiro registo populacional realizado em Portugal - atribui à vila de Palmela 259 moradores (334 era o número de habitantes da vila e seu termo).

Em torno da vila abundavam vastas zonas de cultivo - vinhas, várzeas, terras de pão, pomares, matas - cuja produção podia ser levada a outros núcleos populacionais através de diversas vias de comunicação, cuja existência demonstra a importância económica de Palmela à data.

O Rossio - actual Largo d'el rei D. João I - ocupa uma posição privilegiada e, em torno dele processou-se a fixação da população, conferindo-lhe assim a situação central no novo desenvolvimento urbano.



1.



2.



3.

4.

1. Foral de 1512

2. e 3. Casas de habitação no Arrabalde

4. Rua Almirante Reis



## SEGREDOS DOS PAÇOS DO CONCELHO

As evidências estruturais, estratigráficas e materiais, identificadas nas intervenções arqueológicas no edifício dos Paços do Concelho, revelaram contextos enquadráveis nos séculos XIV a XX. Forneceram uma leitura significativa da dinâmica de ocupação humana anterior ao edifício seiscentista, documentada pela presença de várias estruturas - muros, canalizações, poço e

calçada. Além das cerâmicas, dos restos alimentares, dos numismas (moedas) e outros metais com funções diversas, recolheu-se um conjunto artefactual que documenta a actividade profissional de um sapateiro. Os dados obtidos fornecem novos e importantes testemunhos para o conhecimento do tecido social e urbano de Palmela Moderna.



1.



2.



3.



4.

## Pedra de armas na frontaria dos Paços do Concelho

Elemento simbólico na fachada do edifício dos Paços do Concelho, composto por peças de diferentes materiais dos séculos XVIII, XIX e início do XX.

O brasão de armas da vila de Palmela está esculpido em mármore, num baixo-relevo de formato elíptico – em pedra rectangular –, envolvido por cartela maneirista com terminações enroladas. Ornatos de estuque relevados, da 2ª metade do século XVIII, envolvem esta pedra excepto na parte superior.

Sobre o brasão de armas foi colocada, no séc. XIX, outra pedra com as Armas Reais Portuguesas rematada por coroa fechada e ladeada por ramos de oliveira e sobreiro, sob os quais repousam uma palma e a cruz da Ordem de Santiago. Toda a zona central foi refeita, talvez devido ao período em que o município foi extinto e incorporado no de Setúbal (1855-1926).

### 1. Bilha

Cerâmica. Sécs. XVIII-XIX  
Paços do Concelho (Nascente)  
PC.(N).07.05  
Dimensões: 270 mm (alt.); 100 mm  
(Ø de bordo); 75 mm (Ø de fundo)

### 2. Púcaro

Cerâmica. Sécs. XVII-XVIII  
Paços do Concelho (Nascente)  
PC. (N).07.08  
Dimensões: 125 mm (alt.); 90 mm  
(Ø de bordo); 60 mm (Ø de fundo)

### 3. Panela

Cerâmica. Séc. XVIII  
Paços do Concelho (Nascente)  
PC. (N).07.01  
Dimensões: 145 mm (alt.); 80 mm  
(Ø de bordo); 70 mm (Ø de fundo)

### 4. Caçarola com dupla pega horizontal

Cerâmica. Sécs. XV-XVI  
Paços do Concelho (Poente)  
PC. (P).91.9  
Dimensões: 70 mm (alt.); 221 mm  
(Ø de bordo); 219 mm (Ø de fundo)

### 5. Malga vidrada

Cerâmica. Vidrado castanho  
(interior)  
Sécs. XIX-XX  
Paços do Concelho (Nascente)  
PC.(N).07.14  
Dimensões: 90 mm (alt.); 185 mm  
(Ø de bordo); 65 mm (Ø de fundo)

### 6. Malga vidrada

Cerâmica. Sécs. XIX-XX  
Vidrado laranja,  
com manchas verde metálico  
(interior)  
Paços do Concelho (Nascente)  
PC. (N).07.19  
Dimensões: 80 mm (alt.); 197 mm  
(Ø de bordo); 85 mm (Ø de fundo)

### 7. Malga vidrada

Cerâmica. Sécs. XIX-XX  
Vidrado verde (interior),  
com manchas de vidrado amarelado  
(exterior)  
Paços do Concelho (Nascente)  
PC. (N).07.20  
Dimensões: 85 mm (alt.); 190 mm  
(Ø de bordo); 65 mm (Ø de fundo)

### 8. Figura de presépio

Cerâmica. Séc. XIX  
Paços do Concelho (Nascente)  
PC. (N).07.372  
Dimensões: 55 mm (alt.); 55 mm  
(comp.); 22 mm (larg.)

### 9. Taça vidrada

Faiança. Séc. XIX  
Decoração a verde e castanho sobre  
esmalte branco  
Paços do Concelho (Nascente)  
PC. (N).07.16  
Dimensões: 60 mm (alt.); 180 mm  
(Ø de bordo); 110 mm (Ø de fundo)

### 10. Caneca vidrada

Faiança. Séc. XIX  
Decoração policroma (laranja,  
verde, amarelo,  
azul, castanho) sobre esmalte  
branco.  
Paços do Concelho (Nascente)  
PC. (N).07.22  
Dimensões: 125 mm (alt.); 95 mm (Ø  
de bordo); 95 mm (Ø de fundo)

### 11. Tacinha

Faiança. Séc. XVIII (?)  
Esmaltada a branco com  
decoreção a azul e negro  
Paços do Concelho (Nascente)  
PC. (N).07.18ª  
Dimensões: 53 mm (alt.); 103 mm (Ø  
de bordo); 48 mm (Ø de fundo)



8.

**12. Garrafa**

Grés. Séc. XVIII (?)

Marca: WYNAND FOCKINK

AMSTERDAM

Paços do Concelho (Nascente)

PC. (N).07.1439

Dimensões: 290 mm (alt.);

22 mm (Ø de bordo);

**13. Porção de cota de malha  
(louriga)**

Bronze/ferro. Sécs. XV-XVI

Paços do Concelho (Poente)

PC. (P).91.6

Dimensões: 175 mm (comp.);

10 mm (Ø das argolas);

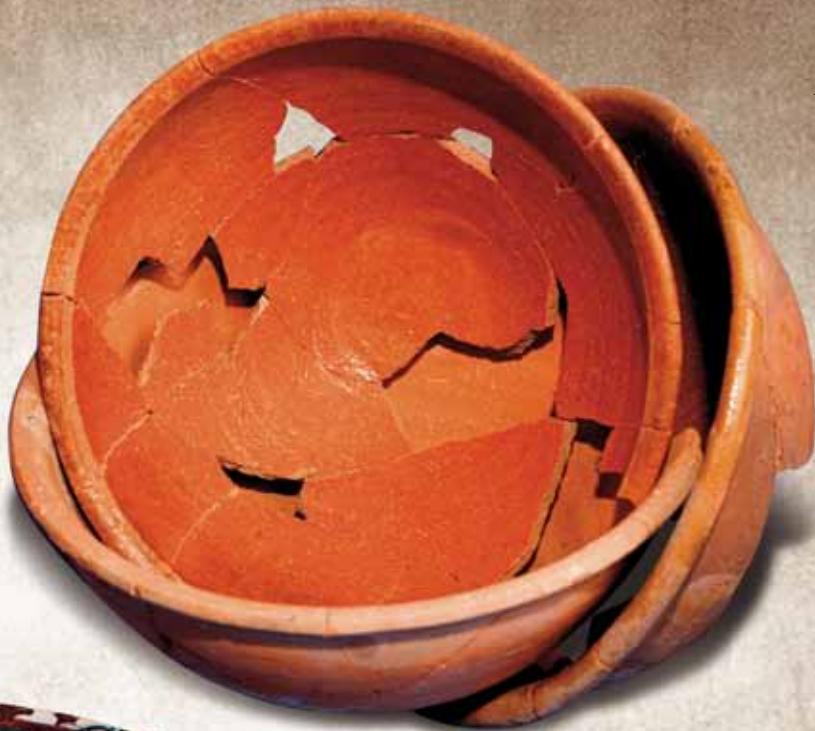
**14. Ceitel. D. Manuel I**

1495-1521

Paços do Concelho (Poente)

PC. (P).91.08

Dimensões: 22 mm de Ø; 1 gr. (peso)



37



5. 6. 7.

9.

## SÍMBOLOS DE PODER – O PELOURINHO DE PALMELA



1.

Símbolos de poder jurisdicional e de autonomia municipal, os Pelourinhos são vulgarmente associados, na memória local, a espaços onde se executavam os castigos dos não cumpridores, mas não se esgotavam nesta função punitiva. Estes marcos de poder e de justiça pública poderiam ainda ser utilizados para afixação de alvarás e editais.

As referências históricas (documentação da Ordem de Santiago) e os dados obtidos nas intervenções arqueológicas em curso no Centro Histórico, permitem-nos afirmar que o Pelourinho não foi reedificado no seu local original. Informações referentes a Palmeira Quinhentista referem que este monumento deveria situar-se nas proximidades da Rua do Ouro. Investigadores relacionam este topónimo com a actual Rua Serpa Pinto, no entanto esta possibilidade carece de aprofundamento de investigação.

*“ (...) há “casas” isoladamente emprazadas como, por exemplo, uma “casa pequena” (15 m<sup>2</sup>) na Rua do Ouro, (...) na rua que vai do Pelourinho para a Rua do Ouro (...)”*

in *Documento séc. XVI* citado por BRAGA, Paulo Drummond (1991)



2.

O actual pelourinho terá sido erguido em 1645, talvez em substituição de um mais antigo do séc. XVI, contemporâneo do Foral de 1512. Desde inícios do séc. XX, que se localiza na Praça Duque de Palmela, assumindo uma posição de destaque numa das praças mais emblemáticas da vila, apresentando-se como um dos monumentos mais importantes de Palmela Moderna.

A 18 de Outubro de 1906, era publicado no *“O Independente”* a notícia que alude ao momento de reconstrução do Pelourinho *“Em breve vai-se proceder ao levantamento do pelourinho desta vila, que se acha apeado por falta de algumas peças de cantaria que já foram adquiridas”*.

A inauguração do Pelourinho, na Praça Duque de Palmela é celebrada a 17 de Fevereiro de 1907, com o lançamento de foguetes e uma corrida de bicicleta de Palmela a Azeitão.

A história de reedificação do Pelourinho - classificado em 1910, como Monumento Nacional - simboliza uma vitória na luta da população pela restauração do concelho, que só viria a consumir-se em 1926.



3.

1. Pelourinho de Palmela | 2. Elementos decorativos. Pormenor do capitel, dos quatro ganchos de ferro com caretas zoomórficas, da data de 1645, das Armas Reais de D. João IV e da Coroa Real.  
3. Vestígios arqueológicos. Praça Duque de Palmela.

## EVOLUÇÃO URBANA: ALTERAÇÕES NOS SÉCS. XVI-XVIII

A partir dos séculos XV-XVI verifica-se uma clara reformulação do tecido urbano, que tende para uma maior linearidade e regularidade, o que é patente no conjunto formado pelo Pelourinho, Igreja da Misericórdia e respectivo largo e nos espaços públicos do Largo de S. Sebastião (hoje Largo Marquês de Pombal), do Largo do Mercado e do Largo do Rossio. Os limites da vila seriam definidos pela R. Direita (actual R. Contra Almirante Jaime Afreixo) e pela R. Augusto Cardoso.

A orientação dos quarteirões faz-se no sentido Sudeste-Noroeste, na direcção dos pontos de maior acessibilidade, criada pelas estradas de Setúbal e da Aldeia Galega (Montijo). As ruas - menos sinuosas - desta área estendem-se no sentido de maior declive, e as suas travessas e escadarias desenvolvem-se transversalmente, no sentido das curvas de nível e paralelas à muralha do Castelo. Entre os séculos XVII e XIX define-se uma malha densificada de traçado geometrizarante, em que o quarteirão surge como elemento estruturante.

### A tipologia da casa

Ocorreu uma transformação na tipologia da casa urbana medieval - as construções apresentam elementos característicos da casa urbana de seiscentos: chaminé de prumada, de ressalto, molduras de vãos arredondados e, por vezes, balcão de sacas com hastes cilíndricas aneladas.

A pedra e o barro são os elementos intervenientes nas paredes estruturais. Na cobertura, geralmente era utilizada a telha vã, ou sela, sem forro no tecto, deixando as ripas a descoberto, dando mais amplitude à casa mas menos confortável. Mais tarde, para maior conforto térmico, foi introduzido o forro na cobertura.



1. Exemplo de casa - sécs. XVII - XVIII | 2. Perspectiva descendente da Rua Hermenegildo Capelo | 3. Perspectiva ascendente da Rua Hermenegildo Capelo | 4. Perspectiva ascendente da Rua Contra Almirante Jaime Afreixo | 5. Perspectiva aérea do Largo Marquês de Pombal, antigo Largo de S. Sebastião; no nº 14 situar-se-ia a antiga Ermida de S. Sebastião

## PATRIMÓNIO EDIFICADO RELIGIOSO

A religiosidade consolidava-se, nos períodos medieval e moderno, através de uma estrutura paroquial que, em Palmela, se materializou na criação de duas paróquias: Santa Maria – primeira matriz da vila, situada no castelo – e S. Pedro, no centro administrativo e económico da vila.

A Igreja de Santa Maria do castelo foi usada como igreja dos Cavaleiros de Santiago, até à construção da sua igreja própria, na segunda metade do século XV – a Igreja de São Tiago. Gravemente atingida pelo terramoto de 1755, a Igreja de Santa Maria caiu em ruínas e serviu de cemitério até há cerca de duzentos anos.



1.

### Igreja de S. Pedro

De origem trecentista, talvez fundada antes do ano de 1320, é dos mais notáveis edifícios do concelho em termos de arquitectura e de recheio artístico. O edifício actual resultou da reconstrução integral efectuada na segunda metade do século XVI, e das grandes decorações operadas após o grande incêndio de 1713, que fez desaparecer diversas obras artísticas e acervo arquivístico. Nos anos 30-40 do século XVIII, a igreja de S. Pedro foi objecto de uma campanha de renovação artística, em que se inclui o excepcional revestimento azulejar atribuído a Nicolau de Freitas. Com os terramotos (1755 e 1858), tanto a igreja como outros edifícios sofreram graves danos.



2.



3.

#### Santa Ana

Madeira policromada,  
87 cm x 41 cm x 33 cm  
Séc. XVII / XVIII



4.





5.

## S. João Baptista

Templo da Ordem dos Hospitalários de São João de Jerusalém ou Ordem de Malta, da segunda metade do séc. XVII, substituiu temporariamente a igreja de Santa Maria nas funções de sede paroquial. Espaço de ‘arquitectura chã’, muito simples, formado por nave de proporções avantajadas, e uma capela-mor muito mais reduzida, apresenta um arco triunfal revestido com uma decoração original de brutesco de ouro e um revestimento azulejar policromo com motivos de maçarocas e laçarias. Dessacralizado em 1910, este antigo templo foi classificado como Monumento de Valor Concelhio em 1997.



6.

## Igreja da Misericórdia

Em 1529 foi criada a Misericórdia de Palmela, no local onde, no século anterior – segundo as Memórias Paroquiais de 1758 -, fora fundada uma ermida hospital *“intitulada do Espírito Santo, a qual fundaram como albergaria dois homens bons desta vila (...) fazendo nela uma confraria de caridade”*. A Igreja da Misericórdia chegou a ser sede das paroquiais de S. Pedro e da Santa Maria em três períodos: em 1713 por ter sido consumida pelas chamas a igreja de S. Pedro; entre 1755 e 1757, por ter ruído a fachada da mesma Igreja durante o terramoto, transferiu-se a paróquia para a Misericórdia; e, entre 1818 e 1851, foi a Igreja da Misericórdia sede da paróquia de Santa Maria. Contíguo à Igreja da Misericórdia funcionou até ao século XX o Hospital.



## Paróquia de Palmela

A religiosidade era partilhada com grande fervor nas ruas de Palmela durante as procissões ou as partidas para as romarias da N.ª Senhora do Cabo e da Atalaia. Um rico acervo constituído por paramentos e alfaias religiosas, existente quer na Igreja da Misericórdia, quer na Igreja de S. Pedro, demonstra essa devoção.

### Bandeira de Procissão

Séc. XVII  
Óleo sobre tela e madeira  
75 cm x 80 cm x 6 cm x 245 cm  
(alt. total)  
Numa face está representado o Calvário;  
noutra, Nossa Senhora das Dores.  
Santa Casa da Misericórdia de Palmela



7.



## A Igreja de Santiago

A construção da igreja de São Tiago - uma das mais importantes obras góticas da arquitectura portuguesa da segunda metade do século XV - teve início em Maio de 1443, sendo inaugurada ao culto em Outubro de 1482. Sob o mestrado de D. Jorge, último mestre da Ordem de Santiago, o edifício foi alvo de uma grande campanha de obras, no âmbito da qual se ampliou o altar-mor, no espaço do último tramo, e se executou o retábulo, peça de pintura e marcenaria que actualmente, se encontra no Museu Nacional de Arte Antiga. Desta altura são também o coro-alto e o arcossólio manuelino sob o qual se encontra a arca tumular de D. Jorge. A capela-mor sofreu nova campanha de obras no séc. XVII, quando foram abertas as janelas a norte e foram aplicados os azulejos de tapete policromo. Em finais do séc. XVII - início do séc. XVIII, terá sido apeado o retábulo quinhentista, substituído por outro de talha dourada e pedestral de pedraria policroma - com embutidos marmóreos -, pelo entalhador lisboeta António Rodrigues. Do conjunto barroco mantêm-se as duas portas da capela-mor e o pavimento. O pedestral, que se observa na fotografia, foi desmontado no restauro do segundo quartel do séc. XX e está parcialmente colocado neste local.

## Ermidas, templos rurais

Além das igrejas, sob jurisdição da Ordem de Santiago, existia ainda um conjunto de ermidas, com oragos próprios situadas na periferia da urbe, visando prestar assistência a moradores de zonas rurais.

A **Ermida de S. Sebastião** - santo venerado como protector de pestes e calamidades - situava-se no *“arrabalde e cabo da vila junto do chafariz sobre as hortas”*, como medida preventiva a epidemias. Não chegou aos nossos dias, mas ficaria situada no antigo Largo de S. Sebastião, actual Largo Marquês de Pombal.

A **Ermida de Santa Ana** estava localizada nas “hortas” e na Visitação de 1552 diz-se que era muito antiga. Sem pavimento, com cobertura em telha vã, tinha um altar em alvenaria forrado de azulejos, paredes de pedra e cal e um arco ao meio. À sua volta existiam as casas dos ermitões e respectivos quintais. Apesar das descaracterizações de que foi alvo, e da total ausência do seu antigo recheio, preservou a sua capela-mor original, com abobadamento tardo-gótico, assim como parte da fachada com a portada maneirista do século XVII. Usada como lagar de azeite, garagem de automóveis e oficina mecânica, serve desde 2002 como sede da Casa do Benfica de Palmela.



8. Aspecto da nave central e da capela-mor da igreja de São Tiago, antes dos restauros da DGEMN (Arquivo DGEMN) | 9. Fachada da antiga Ermida de Santa Ana



Uma janela de cantaria ocupa o espaço do que foi um *Passo do Calvário*, do século XVI ou inícios do XVII, com ombreiras simples e frontão maneirista decorado com *roll-werk* nas aletas e cruz de mármore rosa no remate. Peça erudita, de boa concepção no tipo quebrado do frontão e com regular execução, faria parte de um dos antigos Passos da Procissão do *Corpus Christi*.



10.



11.

10. Rua do Passo da Formiga

11. Pormenor de portal no Arrabalde

## PALMELA ENTRE OS SÉCULOS XIX E XX



1.



2.

O aparecimento de um novo núcleo urbano, mais a Norte, corresponde a uma evolução mais recente da malha, que se distingue das anteriores por apresentar um traçado ortogonal, onde as características do traçado da rede viária, nomeadamente, o perfil dos arruamentos são bastante mais largas, contemplando passeios gene-

rosos que garantem a protecção dos peões. Ao contrário dos dois núcleos anteriores, foram estes arruamentos que definiram alinhamentos e afastamentos do edificado e não o contrário. Os edifícios estão dotados de detalhes arquitectónicos representativos de Arte Nova, em particular na Rua General Amílcar Mota.



Elementos decorativos, de que são exemplos os painéis de azulejo a revestir as fachadas, narram cenas alusivas às campanhas vitivinícolas.

Sucessivas transformações tipológicas alteraram as fachadas, sendo corrente, nos finais do séc. XIX, o uso da platibanda e do balcão de ferro forjado.

À semelhança do núcleo urbano anterior, também este se desenvolveu para Norte, apresentando os seus quarteirões organizados no sentido Sudeste-Noroeste, na direcção dos pontos

de maior acessibilidade, culminando igualmente com dois Largos nos extremos: o Largo de São João (a Norte) e o Largo do Touril ou 5 de Outubro (a Sul).

A iluminação a petróleo inaugurada em Palmela em 1876, será substituída por luz eléctrica durante a 1ª metade do século XX, altura em que chegará também a água canalizada. Os lugares, bem como as rotinas das suas gentes, transformam-se. Nasce diferentes modos de viver e novas necessidades.



*E a luz, ainda me lembra, fez-se uma grande festa, no Matadouro velho (...) aí é que se fez o comer que foi comido na esplanada, naquela eira redonda. Tudo em mesas cheias. Parece que estou a ver a inauguração disso. Eu era rapazinho. (...) Estive lá a ver a assistir àquilo, a ver de me davam algum comer também que eu também tinha fome. (...) Cabeças de borrego assadas no forno, borrego assado no forno, diversas coisas, ... azeitonas tudo à roda... Parece que estou a ver. (...) Diversa gente [importante]. Não eram de Palmela, os cozinheiros eram uns tipos de fora, parece que estou a ver, tudo vestido de branco. Era o Joaquim de Carvalho, aquela gente dos Machados, era aquela gente toda da alta... Isto foi há setenta anos, não... foi há menos. (...) Estavam ali, talvez, umas trinta, quarenta pessoas, naquele tempo. Estava. Puseram luz toda também na esplanada. A esplanada estava toda cheia de luz. (...)*

Entrevista a Idalino Coelho, 78 anos, 2009

*Eu é que tinha uma telefonia que se ia lá ver. Entreter-se! Aqueles programas da Orquestra de Lisboa, que dava (...) Na altura do hóquei em patins, quando Portugal começou a ganhar à Inglaterra, até às 3h da manhã a gente ia ver aquilo. Até houve uma altura em que a gente tava a ver o hóquei em patins e por qualquer motivo a electricidade parou, e tava a casa cheia de gente - porque havia poucas telefonias. A malta ficou logo (...) foram encontrar na casa do Dr. Botelho, ele a ouvir o relato àquela hora dentro do carro dele. Já era a bateria.(...) E foram ouvir alguns, a depois, pã garagem do Dr. Botelho.*

Entrevista a Idalécio Miranda da Costa, 80 anos, 2005



8.



9.

Com o advento da televisão, também as mulheres começaram a frequentar tabernas, já que foram os primeiros locais públicos a ter o aparelho. De acordo com fontes orais, foi a Sede do Palmelense Futebol Clube, na Rua Serpa Pinto, o primeiro estabelecimento a ter televisão na vila. Seguiram-se os outros, gradualmente.

## A RUA NA MEMÓRIA DAS CRIANÇAS DO INÍCIO DO SÉC. XX

A rua era espaço de intensa sociabilidade. O cenário que fazia confluir as esferas privada e pública e a vida tomava a forma da comunidade. As portas, essas, estavam permanentemente no trinco. As fontes e tanques, antes da instalação da rede de abastecimento de água, correspondiam a locais de reprodução social de grande importância.

*Eu gostava mais da fonte de beber porque tinha melhores pedras para esfregar a roupa. A Sant'Ana era assim mais escorregadia. Mas ia muito para a Sant'Ana. Cheguei a ir à Fonte Nova. Ia ali por cima pelos moinhos, descia aquela rampa para ser mais perto e íamos aí lavar.*

Firmina Augusta dos Santos, 101 anos, 2009



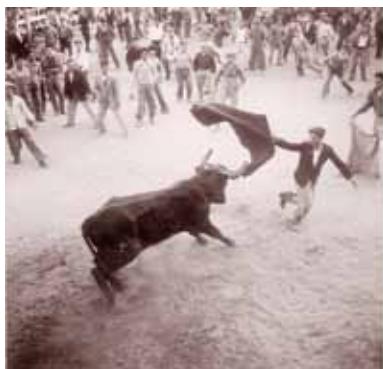
1.

Enquanto as mulheres utilizavam o espaço para abastecerem a casa de água e lavarem a roupa, os homens davam água aos animais. E, muitas vezes, os olhares cruzavam-se em tímidas trocas de palavras, num som quase sumido ...

Ao entardecer as ruas enchiam-se de gente. As mulheres e filhas solteiras sentavam-se na soleira da porta e descascavam os legumes para o jantar. As crianças brincavam, os homens regressavam do campo.

Aos domingos as famílias divertiam-se em piqueniques no Parque Venâncio Ribeiro da Costa. O Castelo era o lugar dos namoros escondidos.

Os largos e outros espaços exteriores eram frequentemente aproveitados para a realização de actividades de diversa natureza.



2.



3.

## Brincar no início do século XX

As crianças, com brinquedos construídos por elas próprias, muitas vezes improvisados, brincavam ao pião, à corda, à malha, ao bute, às escondidas, à apanhada. Jogavam à bola, assistiam aos rober-tos (fantoques)... As meninas faziam bazares.

*Antigamente não tínhamos brinquedos. Nós é que fazíamos. Das caixas de pomada fazíamos as balançazinhas.*

*Havia os tachinhos que nós íamos pedir ao Sr. Álvaro Neto (...). A Faustina vendia o carvão (...) Pedíamos a hortaliça e fazíamos os jantarinhos. Tirávamos açúcar às nossas mães, de maneira que as nossas mães não percebessem. Era uma miséria. Verdade! Mas a gente vivíamos felizes. (...) o meu irmão que ia aos estendais de Palmela roubar peúgas. E das peúgas faziam as bolas.*

Entrevista a Helena Oliveira, 72 anos  
Conversas de Poial, 2009

*Fazíamos bazares, púnhamos na cadeira (...) púnhamos uma toalha, que a gente andava a pedir coisas para o bazar. Depois fazíamos rifazinhas e vendíamos.*

Entrevista a Firmina Augusta dos Santos, 101 anos  
2009

*(...) íamos pedir à mulher do Sr. Humberto Cardoso frascos de perfume, bilhetes-postais, e então a gente fazia um bazar. Um bazar era então uma cadeira e um banco - eu tirava uma toalha à minha avó e púnhamos a tapar a cadeira e o banco. E depois eram postos os bilhetes-postais, os frascos de perfume já vazios, pois claro!, as caixas de pó de arroz das senhoras, e depois fazíamos umas rifas e vendíamos aquilo por meio tostão.*

Entrevista a Helena Oliveira, 72 anos  
Conversas de Poial, 2009

### **Evocação de um Bazar: cadeira com *napperon***

95 cm x 36 cm x 41 cm

Século XX

Museu Municipal de Palmela



Cadeira adornada por um *napperon* formava o cenário fabricado por grupos de meninas, que assim criavam os seus bazares. Em cima da cadeira colocavam postais e frascos vazios de perfumes e cosmética que as senhoras de uma classe social alta lhes davam para brincar. Cada produto era vendido a meio tostão.





## LAZER: AS SOCIEDADES E O CINE-TEATRO

Entre a segunda metade do século XIX e a primeira do XX, criaram-se em Palmela vários espaços culturais e associativos, de entre os quais se destacam as Sociedades e o Cine-Teatro S. João. Mas, já antes deste último, o cinema despertava emoções.

Na primeira metade do século XX, o cinema era visto ao luar, inicialmente no Largo d'El Rei D. João I, mais tarde no Largo Visconde da Ribeira Brava (actual Largo do mercado). À janela ou nos vãos das portas, as pessoas viam as imagens projectadas na parede da adega do Perna Torta,

pelos saltimbancos que, de carroça, percorriam as terras a exhibir filmes mudos. Como a maior parte das pessoas não sabia ler, em cada sessão, era possível ouvir os rumores de quem lia e contava a estória.

Mais tarde surgiu o cinema do Tito, no Largo d'el Rei D. João I.

Em 1952, inaugurou o Cine-Teatro S. João. Espaço único na região pela sua beleza e imponência, esta casa cedo se tornou um dos símbolos da vila, sendo até hoje palco de grandes eventos como a eleição da Rainha das Festa das Vindimas.



*Palmela para mim antes era mais bonito. Os Loureiros tinham, no Largo da Igreja, um coreto. Fazia-se as festas. Grandes arraiais. Gente muito bonita. A gente a pôr a flor nos virados dos casacos dos senhores cavalheiros. Outras iam para a quermesse. Eram umas festas muito bonitas. E os Caceteiros eram o coreto no Chafariz.*

Entrevista a Firmina Augusta dos Santos, 101 anos, 2009

*Era o cinema do Manuel de Tito. Eu não o conheci. Aquilo era uma casa de saltimbancos como o meu pai dizia. Andavam sempre com músicas e coiso. Faziam teatros. Já no tempo da minha avó era assim.*

Entrevista a João Costa, 62 anos, 2005

*E depois havia o susto que era para receber um tanto a cada um. E as pessoas fugiam. Chamava-se a cravança.*

Entrevista a Arnaldo Gama, 84 anos, Conversas de Poial, 2009

*O cinema era sempre casa cheia, na altura. Isto nos anos 60. (...) Havia ao Sábado, ao Domingo e à Quarta-feira. Dava sempre dois filmes.*

Entrevista a Fernando Ramos, 59 anos, 2009

1.



2.



3.



4.

1. Sociedade Filarmónica Humanitária, vestidos de chita, Abril 1940 (Fotografia de Américo Ribeiro, Arquivo Municipal de Palmela) | 2. No Foyer do Cine-Teatro S. João organizavam-se bailes | 3. Revista dos Loureiros no Cinema S. João, 1957 (Fotografia de Américo Ribeiro, Arquivo Municipal de Palmela) | 4. Conjunto A.B.C., Palmela, Abril 1959 (Fotografia de Américo Ribeiro, Arquivo Municipal de Palmela)

Os bailes eram acontecimentos esperados com grande ansiedade pelas raparigas solteiras, que dedicavam especial atenção ao vestuário. A qualidade e variedade dos espectáculos teatrais apresentados são hoje recordadas com saudade por quem, na altura, os frequentava.

*E a minha irmã fez um vestido de baile tão lindo. Um amarelo lindo. Mas o feitio, coisa mais linda... (...) A minha irmã fez-me com um decote de bico até às costas. Mas eu não quis vestir o vestido assim. Obriguei a minha irmã a pôr umas tirinhas de [?] a tapar as costas. Ficou muito lindo à mesma. E fez-me um casaco que era dela. Com uma gola de pelos. Ora eu a entrar na sala, ia linda! (...)*

*E os bailes não começavam sem aquele grupo de raparigas chegar ao baile. (...) E na parte do palco, e em baixo, havia uma fila que era só de raparigas. Só da gente. Tudo gente solteira. Raparigas novas. A gente chegávamos, assentávamo-nos e começava a música a tocar. Chegava a juntar-se quatro, três rapazes a buscar-me. E eu dizia que não ia dançar com nenhuns, porque para ir com uns parecia mal a outros. (...)*

Entrevista a Ofélia Augusta dos Santos, 88 anos, 2003



#### **Bilheteira**

1952  
Madeira  
31 cm x 15 cm x 47 cm  
Caixa onde se armazenavam os bilhetes antes de cada espectáculo, dispostos pelas letras que identificavam cada uma das filas da sala do Cine-Teatro S. João.  
Câmara Municipal de Palmela



#### **Placas Informativas**

1952  
Madeira, papel e vidro  
Várias medidas  
Placas que eram dispostas nas paredes do Cine-Teatro.  
Câmara Municipal de Palmela



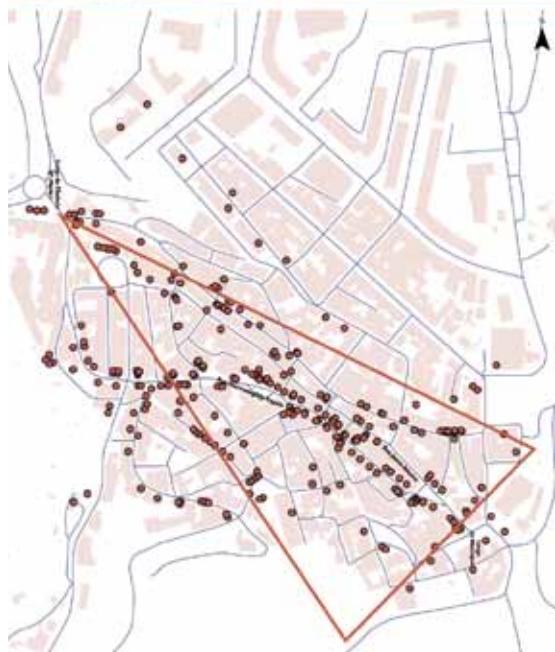
#### **Bobina**

1952  
Metal  
5 cm x 38 cm Ø  
Carretel onde se enrolavam as películas dos filmes, antes da projecção.  
Câmara Municipal de Palmela

## COMÉRCIO TRADICIONAL



1.



2.



3.

O comércio constitui, desde a medida do tempo mais remoto, uma actividade fundamental do homem, imprescindível à sua sobrevivência. É parte estruturante da malha urbana de um local, assim como dos percursos intangíveis do grupo. O Centro Histórico de Palmela, no início do século XX, era povoado por dezenas de estabelecimentos comerciais. Tabernas, Salsicharias e Regatarias, Padarias, Sapateiros... que, apesar da elevação do terreno e das ruas “quebra-costas”, preenchiavam as vias de forma difícil de imaginar, agora. O andar térreo das habitações era reservado ao comércio e à estrebaria e o primeiro andar destinado à habitação familiar propriamente dita.

Trata-se, no plano, do desenho de um triângulo orgânico, cujo vértice tinha início no Largo do Chafariz D. Maria I com a taberna de Leonel Coelho.

Um dos lados deste triângulo percorria a Rua Hermenegildo Capelo - rua estruturante de percurso funcional e de maior potencial de comércio - prolongando-se pela Rua Heliodoro Salgado, que culminava no matadouro municipal.

O percurso da base prolongava-se até ao Largo do Município, ao qual confluía, impulsionada pelos Paços do Concelho, uma extensa lista de casas de comércio e outras casas de suporte à intensa vivência quotidiana, como a Pensão da Gertrudes ou os Balneários da Santa Casa da Misericórdia. Descendo pela Rua Serpa Pinto, prolongando-se pela Rua General Amílcar Mota, esta mancha comercial confinava novamente no Largo do Chafariz.

Era o espaço tradicional da sociabilidade onde, para além das transacções comerciais, as relações entre os habitantes era mediada pelo fluir das conversas em torno dos mais variados assuntos.

Existiam pontos estratégicos, enquanto espaços de sociabilidade mais intensa: as esquinas. Algumas eram povoadas diariamente por homens que aguardavam a hora de almoço. Noutras, as mulheres, com os sacos de compras, faziam do trajecto para casa um percurso mais extenso.

Não obstante, era ao final da tarde que as ruas se iam gradualmente enchendo de gente, com o regresso dos trabalhadores dos campos. Aos homens cabia quase invariavelmente uma passagem pela taberna antes do regresso a casa.

1. (esquerda) Manuel da Clementina, Alexandrina, n/i, n/i, /i, Odete e Fausto, século XX |

2. Mapa de identificação das casas comerciais existentes no Centro Histórico, no século XX. Escala (1:3000) | 3. Largo Duque de Palmela e o Pelourinho (António Passaporte, Colecção Passaporte, s.d., Arquivo Municipal de Palmela)

## COMÉRCIO AMBULANTE

A rua era diariamente palmilhada por vendedores ambulantes que se faziam transportar de todo o tipo de mercadorias.

A *Galega* da água, o *Agripino* dos sorvetes e o *Pão e Uvas* dos “rajás”; o *Meio-litro* das ervilhanas e das línguas de sogra, a *Maria dos Barquinhos* (uma massa estaladiça e doce), o Hipólito do petróleo, a Alexandrina e a Jesuína caramelas das hortaliças, a *Maria das Cascas* que vendia pinhas, o Tó e o Luís *Maneita* vendiam peixe...

As relações de comércio reflectiam a sociabilidade da época e, existindo forte rivalidade entre as duas importantes sociedades da vila, esta encontrava-se dividida em dois espaços sociais distintos: o de cima pertencente aos associados da Sociedade Filarmónica Palmelense “Loureiros”, e o de baixo aos associados da Sociedade Filarmónica Humanitária. Desta forma, cada vendedor tinha uma determinada área geográfica a que correspondiam determinados clientes.

*“Era na altura que andavam os homens a vender leite pelas ruas com uma vaca.”*

Arnaldo Gama, 84 anos, reformado,  
Conversas de Poial, 2009

*Daqui para cima [largo do mercado] dizia-se q’era loureiros, que havia a praça dos homens. O mê ti António era muito casseteiro, não queria vir à praça para não se juntar com os loureiros.*

Emília do carvão, reformada, 2006

*(...) Mas como tinha já os fregueses certos, chegava, era bater à porta ... que a minha venda toda era mais ali nos casseteiros - ali do terreiro, chafariz, dava a volta ao S. João. Para o outro lado [Terra do Pão] só havia lá o padre, o Toino do Bento, os Macovios (três ou quatro fregueses bons) que eu ia sempre. Porque esta parte [parte superior da rua Hermenegildo Capelo] eu não tinha fregueses porque havia outro rapaz meu colega que também dava a volta e a venda dele era mais aqui, q’era o Faustino da Maria Amélia.*

Idalécio Miranda da Costa, 80 anos, reformado, 2005



1.



2.



3.

*De um lado uma coisa cheia de batatas que se vendia muita batata, e no outro uma mão-cheia de ervilhas, favas (...). E da parte de cima é que eram as hortaliças, repolhos, couves, cenouras, tudo bem arrumadinhas. “No tempo da melancia a minha mãe punha na alfofa três melancias: “Vai vender” (...) eu às vezes pra fugir àquilo dizia à minha mãe “Eu queria ir à catequese!” Ela como era muito religiosa deixava-me (...) E então fiz a catequese alguns cinco anos. (...)*

Idalécio Miranda da Costa, 80 anos, reformado, 2005

*E então, quando eu via passar uma excursão que vinha para o castelo – que a volta que eles tinham era vir pela rua acima – eu ia pôr o burro a qualquer lado e ia a casa da Maria Georgina buscar o sulfato [tabuleiro] que tinha 200 suspiros, para ganhar 22 tostões.*

Idalécio Miranda da Costa, 80 anos, reformado, 2005

O Castelo era local de visita obrigatória para as excursões turísticas que se deslocavam à vila. Estas visitas eram vistas, pelos habitantes locais, como oportunidades de comércio.

Hoje, por vezes, ainda se consegue ouvir a melodia do amola-tesouras. Porém, as alvíssaras do Pouca-Roupa e o pregão do vendedor de amêijoas há muito que deixaram de fazer parte do nosso quotidiano.



4.

1. (esquerda) Joaquim Padeiro; Zé Castanheiro, Garcias Castanheiros e irmão, n/i, n/i. A família Castanheira era proprietária de uma padaria, de um forno e de uma mercearia. Vendiam o pão de porta em porta com a ajuda da balança que podemos ver na imagem. 1ª metade do século XX | 2. Vendedor ambulante, 1ª metade do século XX | 3. Vendedor ambulante, 1ª metade do século XX | 4. Visita ao Castelo de Palmela, década de 20 - século XX (Foto Cabecinha)



## CAMINHOS DO VINHO: PRODUZIR, BEBER, FESTEJAR

### Adegas

Percorrendo o Centro Histórico de Palmela e observando as fachadas das suas casas, percebemos os sinais que revelam a importância que a cultura do vinho desempenhou neste lugar.

O que o denuncia? As janelas pequenas, quadradas ou rectangulares, destinadas à entrada das uvas, acompanhadas por uma porta larga, por onde, mais tarde, sairia o vinho. Muitas, coexistindo com a morada da família, exibirão também o respectivo monograma. Nos primeiros anos do século XX, alguns produtores ornamentarão as fachadas das suas casas com azulejos cujo temática honrará também a cultura do vinho.



1.



2.



3.



Até aos primeiros anos do século XX, o maior número de adegas concentra-se no centro da vila de Palmela, porque aqui moram também os proprietários da terra.

As uvas são trazidas de locais mais distantes como o Lau, as Lagameças ou o Poceirão, de onde, durante os meses das Vindimas, será vagarosamente transportada em carroças, mais tarde substituídas por carros e tractores.

A década de 50 do século XX, inaugurando um período de aposta na qualificação tecnológica destes espaços, imporá a construção de adegas maiores e melhor equipadas, sendo instaladas doravante fora do núcleo mais antigo; a SIVIPA e a Adega Cooperativa de Palmela são exemplos dessa situação.

Actualmente são raras as adegas que aqui ainda vinificam. Do passado ficam os sinais, perpetuando significados e impondo a valorização patrimonial.



4.

1. Fachada n.º 9-II, da Rua General Amílcar Mota - Casa construída na 1.ª metade do séc. XX, por Joaquim José de Carvalho, pertencendo actualmente a Álvaro Cardoso. Frontão exhibe painel de Azulejo, alusivo a uma cena de vindima | 2. Fachada n.º 15, da Rua Gago Coutinho e Sacadura Cabral, n.º 5 - Adega e Casa de habitação. Monograma de José Salvador Cardoso | 3. Pormenor da fachada n.º 15, da Rua Gago Coutinho e Sacadura Cabral, n.º 5 - Adega | 4. Taberna do Adelino, Rua Serpa Pinto, n.º 147 e 149, década de 60 | 5. Taberna "A Parreirinha" na Rua Hermenegildo Capelo - pormenor do interior.

## Tabernas



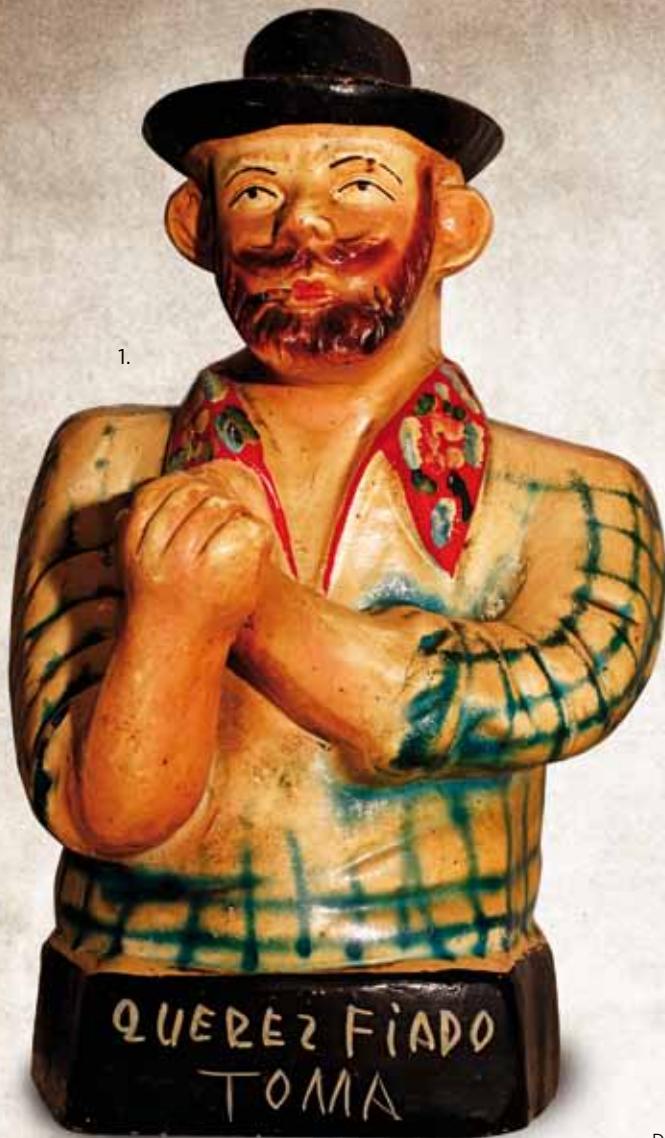
5.

As tabernas multiplicam-se abundantemente por toda a vila. Espaço masculino, de encontro, abandono, alegria, tristeza e transgressão, aqui são passadas as noites ou muitas vezes, os dias e as horas da espera pela partida das chuvas, que impedem a ida para os campos e roubam os ganhos do trabalhos das jornas.

Aqui se conversa, se joga e se bebe, muitas vezes em excesso.

Num acanhado compartimento, alojam-se prateleiras que guardam copos e garrafas, um pequeno lavatório e 2 pipos, um destinado ao vinho branco, outro ao vinho tinto. À sua frente, um balcão em pedra, acompanhado por mesas e bancos corridos.

Actualmente são raras as tabernas que ainda guardam estas características. Os novos tempos trazem o desaparecimento dos pipos e a concorrência de outros estabelecimentos de comércio. Muitas transformaram-se em restaurantes, cafés e snacks. No centro de Palmela, apenas as tabernas "A Parreirinha" e "O Palmelense" oferecem aos seus clientes copos, conversas e petiscos, acompanhados por memórias e vestígios de um passado distante.



1.

**1. Zé-povinho. Séc. XX**

Cerâmica

29 cm x 15 cm x 18 cm

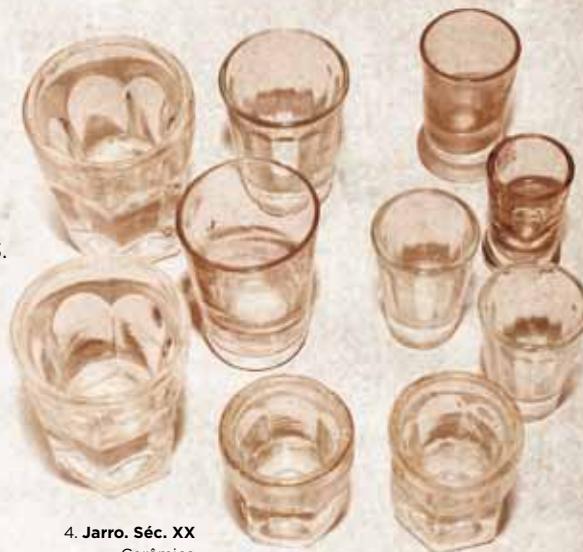
Presente em muitos espaços de comércio, sobretudo nas tabernas. Dissuadia as dívidas, com a presença da tão célebre frase: "Queres fiado, toma"  
Taberna "A Parreirinha"



2.

**2. Medidas de líquidos. Séc. XX**

Diferentes materiais. Usadas nas tabernas, de uso obrigatório, apresentam diferentes capacidades e materiais: inox - para medir vinho tinto; alumínio - para medir vinho branco; vidro - para medir vinagre.  
Taberna "O Cantinho do Mata"



3.

**3. Copos. Séc. XX**

Diferentes capacidades Usados nas tabernas, destinavam-se ao consumo de vinho licoroso e de aguardente.  
Taberna "O Cantinho do Mata"

**4. Jarro. Séc. XX**

Cerâmica

19,5 cm x 16,5 cm

Destinado a conter, transportar e servir vinho.  
Taberna "O Cantinho do Mata"

**5. Garrafa de Vinho Abafado Licoroso "Pedras Negras". Séc. XX**

Adega Cooperativa de Palmela - Pedras Negras  
Vidro e Vinho  
32 cm x 8 cm  
Vinho produzido e engarrafado pela Adega Cooperativa de Palmela, desde 1960.  
Taberna "A Parreirinha"

## Festas das Vindimas

Realizadas pela 1.ª vez em 1963, cumpriram o desejo de todos os que em Palmela sonhavam com uma grande festa anual, que exaltasse os seus valores e riqueza que, nesta região, eram indiscutivelmente, as uvas e o vinho.

Ontem, como hoje, as Festas das Vindimas são pautadas por três grandes momentos tão importantes quanto distintos:

### Eleição da rainha

*A Rainha das Vindimas tem um lugar muito nobre, porque o cortejo é aquilo que toda a gente fala nas festas das vindimas (...). É a figura que encerra o cortejo (...) como que a agradecer a presença de todos os que cá vêm.*

Transcrição de entrevista a Dilar Fragoso, Rainha das Vindimas em 1968, 2003

### Pisa e Bênção do Primeiro Mosto

*Não apenas simboliza, na essência, as Festas das Vindimas, como ainda principalmente todo o valoroso labor das gentes da nossa terra na árdua tarefa de fabricar o vinho.*

in *Voz de Palmela*, ano XIX, n.º 530, de 1 de Outubro de 1968

### Cortejo Alegórico

*Se a adega cooperativa de Palmela queria fazer um carro ia ter como uma pessoa que sabia fazer (...) pagava-lhe os desenhos e eles, com o seu pessoal, compunham o carro, depois a casa Emídio de Oliveira a mesma coisa, a Casa Álvaro Cardoso (...). Cada uma das casas agrícolas, vitivinícolas, fundamentalmente, compunham o carro a seu belo prazer (...) Deixávamos os carros mais bonitos irem atrás.*

Transcrição de entrevista a Victor Borrego, 2003



1.



2.

3.

1. Raparigas pousam em frente à carreta que anuncia a chegada das Festas das Vindimas, década de 60 - século XX | 2. Cerimónia da Bênção do Mosto, década de 60 - século XX | 3. Cortejo das Festas das Vindimas, década de 70 - século XX



1.

## Adiafa

A Adiafa chega com o fim de um ciclo de trabalhos agrícolas. No último dia de monda, de colheita de azeitona ou de uva, o patrão dá o dia de trabalho e os trabalhadores, como agradecimento oferecem-lhe uma bandeira, na qual inscrevem uma mensagem. Assim acontecia em muitos locais do nosso país.

Em Palmela, na Casa Agrícola Humberto Cardoso, até 2001, o último dia das vindimas correspondia também à adiafa. Nesta empresa, datada da alvorada do século XX, quem assume os seus destinos na década de 50, herda dos pais esta tradição.

De início apenas se davam, como costume, algumas horas de trabalho aos ranchos da vindima para a adiafa; mais tarde, a festa durará não só o dia inteiro, mas também, a Casa passa a fornecer todos os materiais necessários à confecção da bandeira e os alimentos para a refeição.

Três semanas antes do fim da colheita dá-se início à confecção da bandeira e, na véspera do último dia, compram-se os morteiros e mata-se o porco. No último dia de vindima, anunciando o fim da colheita, a bandeira segue para a adega, suportada na última carada de uvas.

No Monte come-se, bebe-se e baila-se, que é tempo de adiafa: a festa das vindimas.

### 1. Carroça

Década de 60

Madeira e Ferro

51 cm x 82 cm x 200 cm

Concebida para as Festas das Vindimas.

Ornamentada, transportava crianças no Corte Alegórico.

Museu Municipal de Palmela

Peça doada por Anabela Ferreira e Sérgio Oliveira



2.

### 2. Bandeira de Adiafa

Tecido, linha, arame, cana 28.09.2001

Colecção particular

Concebida pelas mulheres do rancho da vindima, do monte do Lau, da Empresa Carpal (antiga Casa Humberto Cardoso).

Apresentada no último dia de trabalho (adiafa), homenageia os patrões e anuncia o fim das Vindimas.

## OFÍCIOS TRADICIONAIS

O acto de troca corresponde a um tempo social intenso que perdura na memória colectiva. As casas de comércio eram importantes núcleos de encontro, de conversa, de reprodução social. Esta importância advinha, em grande medida, das relações que os proprietários estabeleciam com os seus clientes.

### Salsicharia e talho

As salsicharias e talhos constituíam espaços indispensáveis na vila já que a carne consumida era adquirida diariamente, em pequenas quantidades, dado não existirem sistemas de refrigeração. Os animais eram comprados ainda vivos pelos proprietários dos talhos, e depois mortos pelos mesmos no matadouro municipal. Depois de desmanchada, a carne era transportada para estes locais de comércio.

*Palmela tinha umas características muito próprias. Toda a gente se conhecia, toda a gente se dava bem, toda a gente ajudava uns aos outros. (...) Havia, por exemplo, em cada estabelecimento, um número de gente adstrita a ele. Porque era amigo deste, amigo do outro e assim viviam todos uns com os outros. (...)*

Altino Bernardes, relojoeiro, 71 anos, 2009

### Regataria e Mercearia

Existiam muitas na vila. A do Firmino Gaúcho e Zulmira, do Joaquim da Rita e posteriormente do Fausto, do João Beçudo, do Alberto e da Alexandrina, dos irmãos Ribeiro... entre outras que resistem na memória dos habitantes mais antigos.

Os proprietários iam ao Mercado do Livramento, em Setúbal, abastecer-se de produtos. Partiam ainda de madrugada.



*Q'ela era cristã [mãe: Hortênsia Miranda] mas nunca pôde ir à igreja porque ela era uma mulher que às 5h da manhã levantava-se. Eu era o mais novo, é que tava em casa "Idalécio levanta-te." (...) Lá me levantava, agarrava num burro, preparava o burro.*

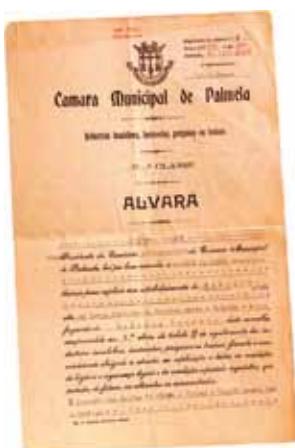
*Pela estrada da Fonte Nova, da Fonte de Beber (...) lá ia com o burro por aí a cima, ia para Setúbal. Chegava lá, ela ia na camioneta às 6h30, e ia comprando aquelas coisas aos fazendeiros e tal. Punha cá na rua a um cantinho e eu chegava lá, punha as coisas em cima do burro, vinha outra vez pra cima.*

*Passei bocados! (...) E depois, pelos conhecimentos, àquelas fazendas ali à entrada de Setúbal é que ela ia buscar faltas: repolhos... Passei dos 8 anos até aos 14 a andar numa vida dessas!*

Idalécio Miranda da Costa, 80 anos, reformado, 2005

1. Alvará do Talho do Pedro de 1932 | 2. Victor e Avó (senhora assim carinhosamente conhecida pela população), durante o transporte de carne do matadouro para o talho. Avó era uma das pessoas da vila que aproveitava o excedente do desmanche da carne para produzir e comercializar os enchidos. O Matadouro, após o 25 de Abril, foi deslocado para Setúbal, cabendo, a partir de então aos funcionários da Junta de Freguesia, a função de matar e desmanchar o animal. | 3. Clementina e Victor, que começou a trabalhar no talho dos seus pais aos 10 anos. 4. Hortênsia Miranda na sua regataria, 1ª metade do século XX.

1.



2.



3.



4.



## Mercado

O actual Largo do Mercado, anteriormente denominado por Largo Visconde da Ribeira Brava era ornamentado por árvores e um poço. Era neste local que Idalino, João Malhadinho, João Caixeiro, José Latério, Matias, entre outros, recolhidos à sombra das árvores vendiam o seu peixe diariamente.

*Quando eu vim para aqui com 10 anos, ainda me recordo muito bem, não existia praça. Isto era um largo, e eles vendiam peixe debaixo das árvores. (...) Havia umas árvores, uns banquinhos e, no meio, havia um poço.*

Manuel Fonseca, 71 anos, reformado, 2009

Mais tarde (anos 50 - séc. XX) foi construído o mercado de dois pisos que, sobretudo aos Sábados, impulsionava o comércio local.

1.



2.



3.

1. Anterior mercado da vila. | 2. Idalino Coelho, vendedor de peixe, no antigo mercado | 3. Novo edifício em funcionamento (inaugurado em 2005).

### Utensílios para preparação de enchidos e carnes, Século XX

Museu Municipal de Palmela

#### 1. Faca

Madeira e metal

27 cm

Utilizada para matar o porco.

#### 2. Almofariz

Madeira

15 cm x 12 cm

Utilizado para esmagar os ingredientes (sal e alho) no fabrico dos enchidos

#### 3. Alguidar de barro

Cerâmica

13 x 37

Alguidar onde eram misturados os ingredientes da confecção dos enchidos; aí repousavam alguns dias até adquirir o sabor previsto.

#### 4. Colher de pau

Madeira

24 cm

Utilizada para misturar ingredientes no alguidar, antes destes serem introduzidos na tripa seca.

#### 5. Funil e rolha com agulha Metal

Várias medidas

Conjunto utilizado no ensaque dos enchidos.

#### 6. Rolha com agulha

Cortiça

8 cm x 6 cm

Rolha de cortiça com agulha, usada para picar chouriços - facilitando a saída do ar - à medida que estes iam sendo cheios.

#### 7. Máquina de moer

Metal e madeira

33 cm x 29 cm

Utilizada para moer a carne, por solicitação do cliente.

#### 8. Pesos de balança

Metal

Várias medidas

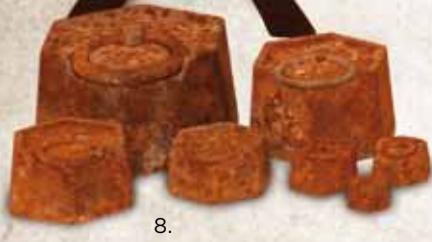
Conjunto de medidas dos 5 kg à 50 gr., utilizadas para determinar o peso da carne.

#### 9. Tacho dos torresmos, Séc. XX

Cobre e ferro

35 cm x 59 cm

Tacho utilizado para dissolver a gordura na confecção dos torresmos. Colecção particular de Manuel Fonseca



## Drogaria

A Drogaria Paula, a Drogaria Carlos Joaquim de Sousa e a Drogaria Central (as duas últimas ainda em funcionamento) caracterizavam-se pela diversidade dos seus produtos, substituindo, em alguns casos, as farmácias. Os mestres deste ofício detinham um vasto leque de conhecimentos, também ao nível da manipulação de alguns dos fármacos da época sendo, por isso, elementos imprescindíveis no quotidiano do local.



1.



2.

*Era uma vida bastante movimentada. Tinha muito movimento e nós nunca estávamos parados. (...) As senhoras, normalmente, o que costumavam comprar mais era material de limpeza. Os homens eram mais à base de ferragens.*

Fernando Ramos, 59 anos, proprietário da Drogaria Central, 2009

## Barbeiro

As barbearias e os sapateiros eram locais com grande afluência de clientes e com um forte dinamismo social, onde o propósito do usufruto do serviço ali prestado, era aliado à prática das relações sociais.

*Conversas normais dos homens. Enfim. Nada de excesso que não se possa ouvir em qualquer lado. (...) futebol, um tanto ou quanto de política e coisas assim. Já se sabe que é o dia-a-dia que nós vivemos, actualmente na grande crise de empregos. Enfim, de tudo isso vem à baila.*

Joaquim Domingos, 70 anos, barbeiro, 2009

Ao longo dos tempos foram passando pelo, Centro Histórico várias barbearias, tais como, a do Parrinha, Capitolino, Ezequiel, Licínio, Manuel Pastilha, Agostinho, Rocha, entre outros.



3.

*Custava (...) cinco escudos um corte de cabelo. E a barba dois e quinhentos. (...) Isto foi sempre uma casa das duas coisas, cabelo e barba.*

Joaquim Domingos, 70 anos, barbeiro, 2009

## Sapateiro

Embora tenham existido vários sapateiros na vila: Ti Henrique Andreza, Joaquim Cabica, Ezequiel Caleira, Manuel Rola, Ti Hermínio, Zé Biu; Coxo Babau, Arraganha, Zé da Bicha, Ti Víctor ou Ramiro, em 1980, João Espada viu nesta profissão uma oportunidade de negócio, visto não existir, à data, nenhum outro a exercer.



4.

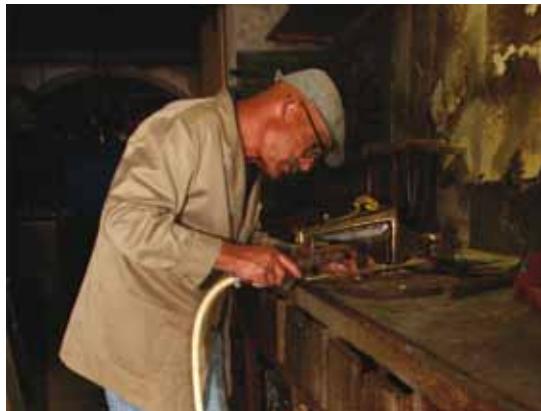
*E pronto, aqui continuei até agora e aqui me tenho feito velho. Mais ou menos vai-se ganhando para a sopa. É evidente que há uma semana que é boa. Há outra semana que não presta, há outra semana que se ganha mais qualquer coisa, há outra que não se ganha para a bucha.*

João Espada, 69 anos, sapateiro, 2009

## Latoeiro, Funileiro, Albardeiro, Ferrador de Gado, Correiro

Tratam-se de ofícios que requeriam um processo de aprendizagem rigoroso. Eram sobretudo pessoas que aprendiam com outros mestres, muitas vezes autodidactas e que iam depois, aperfei-

çoando a arte à medida que a iam exercendo. Eram profissões muito requisitadas pelo facto dos seus clientes serem, sobretudo, proprietários e trabalhadores rurais.



5.

*Peças, por exemplo, para a agricultura, bilhas para leite, talhas para azeite, canecos para vinho para adegas, escudelas.*

Jorge Reis, 71 anos, funileiro, 2009

## Costureira e Retrosaria

Embora fosse comum cada família possuir uma máquina de costura, o vestuário para as ocasiões especiais era encomendado à medida, segundo os modelos da época.



6.



Assim, as costureiras Georgina, Hermenegilda ou Silvina, em momentos de importantes acontecimentos sociais, não tinham mãos a medir para dar resposta aos pedidos.

Este era também um saber muito requisitado, imprescindível às tarefas domésticas femininas, pelo que era comum as raparigas solteiras dedicarem-se à aprendizagem deste ofício. Todavia, poucas eram as que faziam dele profissão.

As retrosarias eram o suporte desta actividade, dado que forneciam todo o tipo de material necessário. As retrosarias Gama eram espaços repletos de cores, que davam o mote para os padrões de cada época.

## Relojoeiro

Por volta de 1968, instalou-se em Palmela um relojoeiro. Altino Bernardes aprendeu o ofício na Casa Pia, onde era guarda prisional. Quando veio morar para Palmela profissionalizou-se como motorista da empresa Setubalense, mas começou, simultaneamente, a exercer o ofício de relojoeiro.

*Vinham [clientes] para comprar e para dar trabalho para eu fazer. Isso não há dúvida nenhuma que era assim. Era por exemplo o mês de Dezembro eu tinha que ter aqui uma pessoa comigo porque eu não conseguia dar mão a isso.*

*A partir dos anos 80 o negócio iniciou um período de regressão, do qual nunca mais saiu.*

*(..) Estou cansado. Eu já devia estar em casa há que tempo.*

Altino Bernardes, 71 anos, relojoeiro, 2009

Não obstante, tal como todos os outros profissionais que estão nestes painéis representados, denota-se que é um apaixonado pela profissão que exerceu ao longo da sua vida.



1. Gabriel Costa Paula (1927 - 2004), proprietário da extinta Drogaria Paula, 2003 | 2. Drogaria Central, ainda conhecida por drogaria do Amílcar, anterior proprietário, 2009 | 3. Barbearia de Joaquim Domingos, 2009 | 4. Oficina de João Espada, único sapateiro da vila, 2009. | 5. Oficina de Jorge Reis "Funileiro", 2009. | 6. Arnaldo Gama na sua retrosaria, século XX | 7. Cartaz | 8. Relojoaria de Altino Bernardes. O edifício onde está situada era o antigo Centro Republicano de Palmela. 2009

**Produtos comercializados em drogasrias****Século XX**

Museu Municipal de Palmela

**1. Frasco de Tinta**

Vidro e tinta

29 cm x 9 cm

Marca QUINK.

Tinta para caneta de aparo.

**2. Canetas de aparo**

Madeira e metal

12,5 cm

Utilizadas para o registo escrito em papel.

**3. Borrachas de lápis e caneta**

Borracha

Várias medidas

Marca INEXCA

Conjunto usado para apagar, por meio

de fricção, os registos escritos a lápis e

a caneta. Comummente utilizadas por

alunos da escola.

**4. Guache**

Plástico, metal e tinta

7,5 cm x 6 cm

Marca CISNE

Embalagem com quatro tubos de tinta,

utilizados para pintura.

**5. Fita para Máquina de Escrever**

Papel, metal e tecido

6 cm x 6 cm

Marca KORES

Embalagem com fita utilizada nas

máquinas de escrever

**6. Bicromato de potássio**

Vidro, papel e composto

20 cm x 8 cm

Composto usado na produção de colas,

vidros e cerâmicas.

**7. Sulfato de Ferro**

Vidro, papel e composto

27 cm x 11 cm

Composto químico utilizado como

corante, como produto farmacêutico, em

trabalhos agrícolas, entre outros.

**8. Sais de Banho**

Vidro, papel e minerais

20 cm x 10,5 cm

Produto usado na cosmética.

**9. Goma em pó**

Baquelite, papel e pó

16 cm

Marca Cotton Crisper da DIP

Embalagem de goma usada na roupa

(ex.:colarinhos e punhos) de modo a que

após esta ser passada a ferro, atingisse a

rigidez desejada.

**10. Pó para a limpeza da roupa**

Baquelite e pó.

8 cm x 10,5 cm

Marca CASULO

Pó usado na limpeza do vestuário.

**11. Pó desodorizante e anti-séptico**

Plástico

Marca TRANSPIL

Produto de higiene anti-séptico, utilizado

para a desodorização do corpo humano.

**12. Frasco de perfume**

Plástico

10,5 cm x 4,5 cm

Embalagem para conter perfume de

fabrico caseiro

**13. Champô**

Papel, vidro e champô

18 cm x 6 cm

Marca KURO DO DR. SPIEGEL.

Champô para prevenção e tratamento da

queda do cabelo.

**14. Emplastro**

Papel, plástico e emplastros

11 cm x 7 cm

Marca EXCLAVIL

Preparação terapêutica para sarar calos

e verrugas.

**15. Pensos para Calo**

Papel e pensos

9 cm x 13,5 cm

Utilizados na cura das calosidades

**16. Pomada Calcída**

Papel e pomada

4,5 cm x 4 cm

Marca MORENO

Produto farmacêutico usado para a

extração de calos.

**17. Aparelho de Clísteres**

Vidro, metal e borracha

27 cm x 11 cm

Marca DINY

Aparelho para utilização medicinal

**18. Frasco de Pickles**

Papel, metal e papel

17 cm x 6 cm

Marca CORDEIRO

Produto alimentar.

**19. Frasco de Anis**

Vidro, metal e papel

12 cm x 4,5 cm

Marca FERNANDES & PINTO, LDA

Substância extraída da planta, usada na

confeção de licores.



**Conjunto de frascos** utilizados para armazenar diversos produtos, vendidos em quantidades avulsas. Os produtores eram depois colocados em embalagens de papel improvisadas.  
Início do século XX  
Diversas medidas

**Goma-arábica**, resina natural de uso diversificado (do fabrico de cola a espessante e ligante de tinta).

**Goma crua**, resina natural utilizada em perfumaria e para ser dissolvida em água, na qual a roupa era mergulhada para ficar com um aspecto encorpado.

**Naftalina em palhetas**, composto usado como agente anti traça nos armários e malas.

**Ácido salicílico**: usado como produto farmacêutico por ter propriedades hidratantes para a pele.

**Bagas de zimbro**: espécie de arbusto cujas bagas eram utilizadas na confecção de licor e aguardente.

**Corante Amarelo Gorduras**, substância química usada como aditivo alimentar.

Colecção particular de Fernando Ramos



**Máquina Registradora. Séc. XX**

Metal, baquelite e madeira  
34,5 cm x 38 cm x 37,5  
Primeira e única máquina da antiga Drogaria Paula, adquirida pelo proprietário em segunda mão; usada para registar as transacções comerciais.  
Museu Municipal de Palmela

**Colecção particular de Altino Bernardes**



### 1. Máquina

1910

21 cm x 7,5 cm x 14 cm

Marca Reguladora Nacional

Bloco completo do mecanismo de relógio.

### 2. Máquina

Década 40 - século XX

3,5 cm

Bloco completo de um relógio de pulso.

### 3. Despertador

Década 30 - século XX

16 cm x 6,5 cm x 12 cm

Marca Fixe

Relógio programável para tocar a uma hora determinada.

### 4. Despertador

Década 50 - século XX

13 cm x 8,5 cm x 5 cm

Marca Celta

### 5. Despertador

Década 50 - século XX

12,5 cm x 5,5 cm x 11 cm

Marca Reguladora Nacional

### 6. Relógio com estojo

Década 60 - século XX

8,5 cm x 7,5 cm x 8 cm

Marca Europa

Utilizado, também, durante viagens.

### 7. Relógio de bolso

Década 40/50 - século XX

5,5 cm x 3,5 cm x 26,5 (comprimento com corrente)

Os relógios de bolso constituíam-se como símbolo de uma classe económica privilegiada.

### 8. Relógio de bolso

Década 30 - século XX

6,5 cm x 5 cm

Relógio de bolso sem corrente.

### 9. Relógio de pulso de homem

Década 50 - século XX

4 cm x 23,5 cm

Marca Cowny

### 10. Relógio de pulso de homem

Década 40 - século XX

4 cm x 20,5 cm

Marca Herty

### 11. Relógio de pulso de senhora

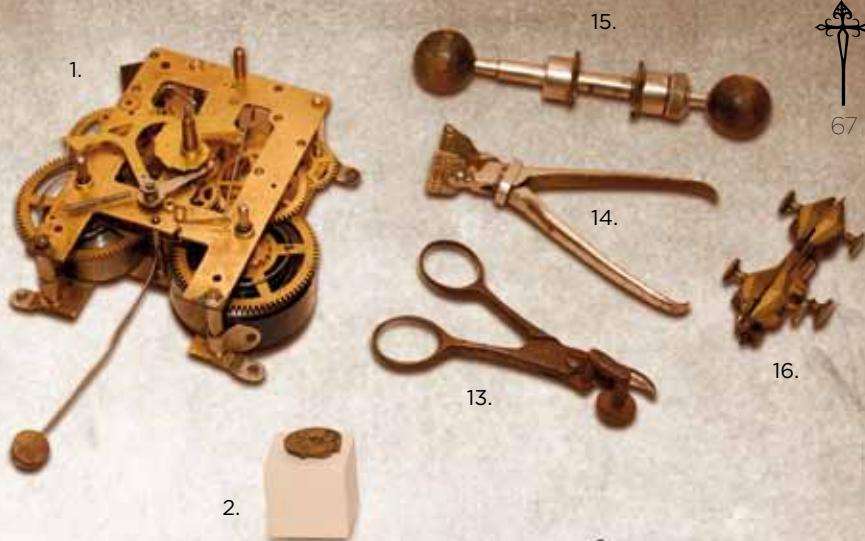
Década 20 - século XX

2 cm x 4,5 cm

### 12. Relógio de pulso de senhora

Década 40 - século XX

1,5 cm x 4 cm



### Conjunto de instrumentos de trabalho,

utilizados na arte da relojoaria.

Primeira metade do século XX

Diversas medidas

### 13. Chave universal

1,5 cm x 16,5 cm

Utilizada para abrir os relógios.

### 14. Alicate

5,5 cm x 12 cm

Instrumento de corte de misturadores, um dos componentes do relógio.

### 15. Desempenador de torno

3,5 cm x 9 cm

Usado para desempenar os balanços.

### 16. Alicate de furos

3 cm x 13,5 cm

Instrumento usado para furar braceletes.

### 17. Relógio de parede

Início século XX

51 cm x 9,5 cm x 30 cm

Marca Reguladora Nacional

Unidade de medida, por meio de

um pêndulo que se movimenta continuamente.

### 18. Relógio de parede

Início século XX

49 cm x 12 cm x 29,5



17.





## A OFICINA DO COSTA

Durante a primeira metade do século XX, os veículos de tracção animal eram o principal meio de transporte nas íngremes ruas da vila. As carroças faziam parte do quotidiano da população que, nestas viaturas, se deslocava para o trabalho nos campos, para as burricadas em Rio Frio ou para as Festas da N.ª Sr.ª da Atalaia e do Cabo Espichel.



1.

A profissão de carpinteiro de carroças era de extrema importância e, em Palmela, existiam duas conhecidas oficinas: a do Leonel, no Largo do Chafariz e a comumente conhecida por Oficina

do Costa. Inicialmente propriedade de Amadeu Rodrigues da Costa, a Oficina do Costa localizava-se no actual Largo D'el Rei D. João I e vivia sobretudo, da construção de carroças, fabrico de, alfaias agrícolas e peças de serralharia.



2.

Inicialmente o trabalho incidia sobretudo nos meses de Verão, altura em que se planeava o novo ano agrícola. No Inverno, os trabalhadores destinados a esta função eram dispensados para exercer actividade noutros locais nomeadamente, na fábrica dos Tomés.

Todavia, este tipo de transporte teve um incremento significativo, devido também, à origem da Cooperativa Agrícola de Palmela e tornou-se necessário recrutar mais trabalhadores.



3.

*Havia operários polivalentes que (...) Não tinha problemas, fazia-se tudo. O meu pai dizia: O que é um sapateiro? É um homem que trabalha com um martelo e um escopo. Um carpinteiro? Um homem que trabalha com um martelo e um formão.” (...)*

João Costa, 62 anos, reformado, 2005

*Não havia ninguém lá da oficina que não fosse a essas fábricas de Setúbal, Renault ou aquela fábrica de automóveis japonesa, que não ficasse logo lá! (...) Eles sabiam que a gente da oficina que vinha ali aprendia a fazer tudo: a cortar e martelo e dar porradas.(...) fazia-se quase sem desenhos, assim de rigor. E fazia-se tudo, trabalhava-se dali pra todo lado.*

Idalécio Miranda da Costa, 80 anos, reformado, 2005

Com a aproximação da segunda metade do século XX, as carroças começaram a perder importância e foram gradualmente substituídas pelos veículos motorizados. A oficina sentiu necessidade de diversificar os seus serviços, o que deu origem a uma nova sociedade formada por Adolfo e João Rodrigues da Costa, Manuel Joaquim Cardoso e José Filipe Roque, denominada por Auto-Reparadora Palmelense. Esta sociedade passou a ocupar também o edifício em frente, ao lado do antigo cinema do Tito, de modo a poder direccionar o negócio para a reparação dos novos meios de transporte.

Tendo em conta o difícil acesso ao interior da vila, sobretudo por parte de camiões de maior porte, tornou-se imprescindível passar as instalações da oficina para um local estrategicamente mais acessível e, no início dos anos 50, a oficina mudou-se para estrada Nacional 252, junto ao Largo Chafariz D. Maria I.

Se o negócio dos automóveis cresceu, as carroças foram sucessivamente entrando em desuso e na década de 60, os quatro sócios desfizeram a sociedade ficando apenas como proprietário João Fernando Rocha da Costa. A Auto-Reparadora Palmelense manteve o seu trabalho até 1982.



4.

*Pois aquilo foi uma escola e uma igreja ao mesmo tempo. (...) Recordo aquilo com saudades. A partir de determinada altura que larguei aquilo de mão, nunca mais lá entrei. Não me sinto com coragem para lá entrar. (...)*

João Costa, 62 anos, reformado, 2005

1. Chafariz D. Maria I, década de 20 século XX. (Autor: Foto Cabecinha)
2. Vista panorâmica de Palmela, 17.10.1928. (Autor: Américo Ribeiro, Arquivo Municipal de Palmela) | 3. Oficina do Costa, 1ª metade do século XX. Foi possível identificar alguns trabalhadores (da esquerda para a direita: Herculano "Sócio"; Pinga; Vitoriano; Pedro; Virgílio São Braz; Terôco; Ventura; Idalécio; Sérgio Ferreira; Esterlando Pinto; Ezequiel) | 4. Auto-Reparadora Palmelense, Século XX. Fila superior (esquerda): Lúcio Calha, João Forreta, Sequeira Paula, António Júlio. Fila do meio (esquerda): Tio Mesuras, António Maneta, António, Pedro, José João, Ti Herculano, João Costa, Manuel Cardoso, Idalécio, Izidor, Terôco, Ventura, Henrique da Assunção. Fila de baixo (esquerda): José Braga, Fernando Costa, Orlando Felgas, Filipe do José da Velhinha, Firmino Acácio, Jaime Ferobico, Virgílio, Fernando Pataquinha.



1.

### 1. Brinquedo

Século XX

Autor: Herculano Custódio

Colecção particular de Cristina Oliveira

Conjunto de mobília de sala com aparador, mesa de refeição e mesa de jogo. Os trabalhadores da Oficina do Costa sempre que tinham oportunidade aperfeiçoavam a sua arte criando peças para a família.

### 2. Roda de Carroça

Século XX

Madeira e metal.

27 cm x 127 cm Ø

Autor: Idalécio Costa

Museu Municipal de Palmela

Roda de carroça construída na Oficina do Costa. Esta oficina, situada na vila de Palmela, construía anualmente uma grande quantidade destes veículos, fornecendo não apenas o concelho como as localidades em redor.



2.

## ENSINO EM PALMELA, ALGUMAS MEMÓRIAS

Embora a taxa de analfabetismo da população portuguesa, na primeira metade do século XX, fosse extremamente elevada, existiam vários estabelecimentos escolares no Centro Histórico da Vila de Palmela. Os Alvarás de licenciamento das tabernas de 1929, indicavam sempre a existência de um edifício escolar a menos de 500 metros destes estabelecimentos comerciais.

*Processo 9 de Agosto de 1929 - Maurício Pereira Taberna* (3ª classe), no Largo Leote do Rego (norte com prédio de Elvira de Oliveira; sul Largo Leote do Rego, nascente rua Almirante Reis; poente com prédio Filipe Cordeiro júnior). À distância de trezentos metros da Escola Oficial do Sexo Masculino e quinze metros do estabelecimento taberna de Florinda Jesus.

Fonte: Arquivo Municipal de Palmela

### Quadro de Honra dos Amigos da Instrução.

1930

Acervo Joaquim  
José de Carvalho  
doador ao  
Museu Municipal  
de Palmela



1.

*Não sei como se chamava a professora. E tinha uma cana que de vez em quando dava com a cana na cabeça da gente.*

Entrevista a Ofélia Augusta dos Santos, 88 anos,  
2003



2.



3.

1. Classe masculina de uma escola, não identificada, no Centro Histórico. 1ª metade do século XX | 2. Construção da Escola Hermenegildo Capelo, no Largo S. João. Década de 20, século XX. (Foto Cabecinha) | 3. Escola oficial do S. João, 09.12.1956. (Fotografia de Américo Ribeiro, Arquivo Municipal de Palmela).



Antigos habitantes ainda recordam alguns dos locais de ensino tais como a Escola de Manuel de Oliveira, situada por detrás do antigo lagar na Rua Augusto Cardoso; a escola masculina integrada no programa da Legião Portuguesa, situada no edifício da actual GNR, ou a escola masculina que se situava na Rua Hermenegildo Capelo. Outros recordam antigos docentes como o Professor Pimenta, ou as Mestras Menina Georgina e *Telegrafista*. Esta última ensinava rapazes e raparigas numa casa da rua da Saboaria. Cada aluno pagava 15 tostões e levava um banco onde se sentava durante as aulas. Outros, recordam apenas alguns dos antigos métodos de ensino.

Em 1929, já existia a Escola Oficial no S. João, embora o edifício escolar mais moderno tenha começado a ser construído na década de 30 e oficialmente inaugurado em Agosto de 1947. Nesta altura era frequentado por duas turmas femininas (que ocupavam as salas do lado esquerdo) e duas turmas masculinas (nas salas do lado direito).



**1. Livro de Leitura da 3ª Classe**  
Ministério da Educação Nacional  
Livraria Didáctica, 2ª Edição, 1954  
Papel  
23 cm x 17,5 cm x 2 cm

**2. Lousa**  
Séc. XX  
Ardósia e madeira.  
25,5 cm x 18, 5 cm

**3. Lápis de ardósia**  
Séc. XX  
Ardósia e papel.  
15 cm

**4. Tinteiro**  
Séc. XX  
Vidro, baquelite, papel, tinta.  
4,5 cm x 3 cm x 4, 5

**5. Caneta de aparo**  
Séc. XX  
Madeira, metal.  
21 cm

**6. Caderno Escolar**  
Séc. XX  
Papel.  
20 cm x 15 cm

**7. Lápis**  
Séc. XX  
Carvão e madeira  
20 cm

**8. Utensílios de Geometria e Métrica**  
Séc. XX  
Medidas para sólidos  
Madeira

**9. Esfera, cilindro, cubo, pirâmide**  
Séc. XX  
Paralelepípedo  
Madeira

**10. Medidas de líquidos**  
Séc. XX  
Metal (folha de flandres)

**11. Esquadro**  
Séc. XX  
Madeira  
12,5 cm x 34,5 cm

**12. Transferidor**  
Séc. XX  
Madeira  
17 cm x 32 cm

**13. Compasso**  
Séc. XX  
Madeira, metal, giz  
35 cm x 3 cm

## A VILA DE PALMELA NO SÉC. XX: NOVAS VIVÊNCIAS, NOVAS FORMAS URBANAS E ARQUITECTÓNICAS



A autonomia administrativa do concelho foi recuperada em 1926. Esta situação resultou, por um lado, da intensa pressão exercida por parte da comunidade local junto do poder central e concelhio de Setúbal, em particular do Movimento *Pró-Concelho de Palmela* criado cerca de 1914, por outro, pelo facto do espaço correspondente à então freguesia Palmela/Marateca constituir, a partir de meados do século XIX, uma importante área produtiva, em crescimento demográfico acelerado e em virtude, do desenvolvimento económico e populacional verificados entre Rio Frio e o Poceirão, fruto da colonização desencadeada por José Maria dos Santos - no âmbito dos seus investimentos na cultura da vinha - e da dinâmica imposta pelos caminhos-de-ferro na área de Pinhal Novo.

A tomada de posse da Comissão Administrativa - presidida por Joaquim José de Carvalho - da Câmara Municipal do Concelho de Palmela marca uma nova etapa na história da vila e de todo o território governado a partir de Palmela. Fruto desta tendência, em 1928 foram criadas as freguesias de Pinhal Novo e Quinta do Anjo. Ao longo da 1ª metade do século XX a população da vila de Palmela cresce e o espaço urbano acompanha esse ritmo.



1.

2.



1. Vista geral de Palmela após criação do Jardim Joaquim José de Carvalho. Postal Studio Ciranos, Setúbal, 1940-50. (Arquivo Municipal de Palmela) |  
2. Planta da vila de Palmela, 1951. in *Roteiro Turístico e Económico de Portugal* (org. Camacho Pereira) Museu Municipal de Palmela

Em Portugal, o apogeu do planeamento urbano situa-se entre 1944-45, momento em que cerca de três centenas de estudos de anteplos de urbanização são finalizados, dos quais cerca de metade são aprovados até 1954.

No final da década de 40, um Plano de Urbanização abre a expansão da vila de Palmela para Norte, ao longo da Azinhaga dos Caracóis - antigo caminho da Aldeia Galega; esse Plano, de provável filiação no «Plano de Urbanização de Lisboa» (1938-48), e baseado na concepção de cidade-jardim de raiz saxónica, não foi maioritariamente concretizado tal como aconteceu em muitas outras vilas e cidades portuguesas que também - entre fins dos anos 30 e meados dos anos 50 - viram planos análogos serem concebidos. O antepiano de Urbanização de Palmela, da autoria do arquitecto João Aguiar, foi submetido a Parecer do Conselho Superior de Obras Públicas em 1949 e aprovado com condicionamento em 15.12.1955 (data de homologação do parecer do CSOP); este arquitecto tinha a seu cargo, entre outros, em 1948, os planos para Setúbal, Olhão, Santarém e Palmela. Apenas o esquema viário preconizado no Plano de 1948 permaneceu, pois a perspectiva baseada na pequena propriedade urbana não terá correspondido aos objectivos dos agentes sociais locais.



3.

A partir da 2ª metade do séc. XX, define-se o largo fronteiro à igreja de S. João, onde se ergue o Cine-Teatro S. João e se implanta o jardim Joaquim José de Carvalho.

Dos anos 60 e 70, poucos conjuntos são capazes de preservar a memória urbana da vila - verificou-se então um processo de descaracterização,

quase sempre associada à falta de qualidade arquitectónica e sem soluções construtivas adequadas. A excepção é o edifício da Sociedade Filarmónica Humanitária de 1964.



4.

5.



6.

Já nos anos 80-90 surgem alguns edifícios de arquitectura contemporânea que abrem caminho a uma nova linha de diálogo com o edificado histórico. No extremo do Centro Histórico, o moderno edifício da Caixa Geral de Depósitos dos arquitectos Vasco Lhansol da Costa Massapina e Jorge Manuel de Morais Kol de Carvalho e o edifício da Caixa de Crédito Agrícola do arquitecto Fernando Zigler; no Largo da Boavista um contemporâneo edifício de habitação do arquitecto Rui Santos demonstra como é possível conciliar épocas e vivências.

3. Rua Gago Coutinho e Sacadura Cabral - anos 30-40 (?). (Arquivo Municipal de Palmela) | 4. Jardim Joaquim José de Carvalho - no cimo o edifício da Caixa de Crédito Agrícola e Cine-Teatro S. João | 5. Caixa Geral de Depósitos | 6. Exemplo de casa Contemporânea - séc. XX, no Largo da Boavista.



## Viver o ar livre

Criada nos anos 30-40 do século XX, com cerca de 20 000 m<sup>2</sup>, a “mata” ou esplanada do castelo - Parque Venâncio Ribeiro da Costa - é o elemento verde preponderante no Centro Histórico.

Zona de decompressão urbana, onde o lazer e a contemplação são possíveis num ambiente próximo da natureza, a área vai ser requalificada no âmbito do projecto QREN 2009-2012. Integra um circuito pedonal interno, ao qual estão associados espaços de estar, distribuídos em patamares. Outros largos da vila têm sido requalificados nos últimos anos - casos do antigo Largo de S. Sebastião (actual Largo Marquês de Pombal) ou o Largo S. João; o projecto de requalificação deste último, da autoria de Rui Farinha, foi distinguido com o Prémio Nacional de Arquitectura Paisagista 2009.

1.



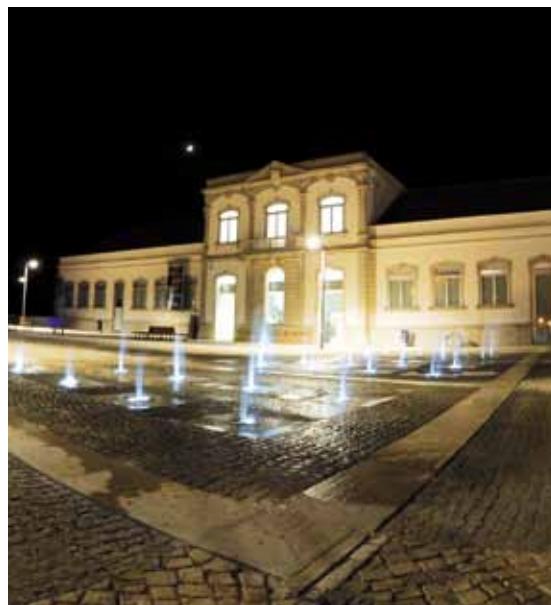
2.



3.



4.



5.

1. Plantação da “mata” do castelo no final dos anos 20-início anos 30 Arquivo Municipal de Palmela | 2. Pérgula - Miradouro dos anos 40, Palmela | 3. Olaias na mata do Castelo - panorâmica para a vila | 4. e 5. Largo de S. João, projecto de requalificação da autoria de Rui Farinha, premiado em 2009.

## ARQUIVO DE FONTES ORAIS

### CONSTRUIR A MEMÓRIA DO CENTRO HISTÓRICO DE PALMELA

#### *Ciclo Conversas de Poial*

Ao longo da exposição foi nosso objectivo introduzir, para além da perspectiva transdisciplinar, as *estórias* que habitam o Centro Histórico. *Estórias* que queremos lembradas, sobretudo, por meio da emoção de quem as viveu. Só assim será possível compreender a dinâmica do lugar, o percurso da história, do tempo, da vida ...

Foi com este propósito que iniciámos, em 2009, o Ciclo *Conversas de Poial*. Um total de cinco conversas, distribuídas ao longo do ano, tomaram corpo em diferentes espaços do Centro Histórico, num ambiente informal e dinâmico que incentivou a própria população a partilhar e cruzar as suas *estórias*. Esta informação, para além de enriquecer todos os presentes, constituiu-se como uma contribuição decisiva para a própria exposição, quer como pistas de orientação na investigação, quer porque nos permitiu, também, dar destaque ao quotidiano e à forma como as pessoas se apropriam do lugar.

Porque o Museu Municipal de Palmela compreende o Património Imaterial como uma importante e imprescindível fonte de informação, em 2003 foi criado o Arquivo de Fontes Orais. Tivemos como objectivo adquirir maior conhecimento sobre diferentes temas, através do contacto com a população residente no concelho. Hoje, este arquivo conta com mais de uma centena de entrevistas sobre as mais diversas temáticas. Trabalhamos com o fim de salvaguardar e divulgar este importante acervo pois estamos convictos de que representa diferentes perspectivas dos acontecimentos e do quotidiano.

Foi através do trabalho realizado no âmbito deste Arquivo que foram efectuadas, para esta exposição, várias entrevistas e recolhidas imagens

do dia-a-dia do Centro Histórico, dando lugar a dois documentários: “Patrimónios” e “Mestres dos Ofícios”.

O primeiro tenta traduzir, a partir do olhar de quem realizou e tendo como banda sonora o último trabalho dos ArtemSax “Entre Paredes”, o pulsar do território: as suas gentes e dinâmicas. São pequenas histórias que, sob a forma de fragmentos, orientam o olhar.

O segundo documentário dá voz aos “Mestres dos Ofícios” que ainda hoje persistem em exercer uma actividade tradicional no Centro Histórico, mesmo que o futuro não lhes pareça promissor: o sapateiro, o relojoeiro, o barbeiro, o funileiro, o projeccionista, a costureira, o proprietário da drogaria ou o *aviador* - assim se denominava o proprietário da principal retrosaria da vila que recentemente encerrou as suas portas.

Estes são documentos que registam memórias mas serão, também, a própria memória do tempo, irreversível.

É sob esta perspectiva que retomamos em 2010, o Ciclo de Conversas de Poial. É com entusiasmo que o fazemos, porque acreditamos que se tratam de momentos de encontro e reencontro únicos.

É também, sob esta perspectiva, que entendemos continuar a trabalhar no Arquivo de Fontes Orais. Através de uma parceria criada com o site Memória Média (<http://memoriamedia.net/>) já nos é possível divulgar, de forma sistemática, o trabalho realizado, ao qual o público interessado poderá aceder clicando no acervo do Museu Municipal de Palmela.

## BIBLIOGRAFIA E REGISTOS AUDIOVISUAIS



AAVV - *Plano Geral de Urbanização de Palmela. Relatório de Prospeção e Defesa da Paisagem Urbana. Relatório* [CIPRO, 1979]

AAVV- “Projecto Memória Oral do Concelho de Palmela em Arquivo. Documento de Trabalho” (Coord. Maria Teresa Rosendo), in *Memórias de Ferroviários de Pinhal Novo. Para a história da Vila e da Comunidade Ferroviária*, Palmela: Câmara Municipal de Palmela, “Coleção Estudos e Projectos Municipais, 7 “, 2003

BARROS, Maria Filomena et all - *Os Forais de Palmela. Estudo Crítico*, Palmela: Câmara Municipal, 2005

DIAS, João José Alves - *Gentes e Espaços. Edição Crítica do Numeramento de 1527-1532. Comarca de Entre Tejo e Guadiana*, Cascais: Patrimonia, 1999

FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira e Carvalho, António R. - *Arqueologia em Palmela 1988-92*. Catálogo de exposição. Palmela: Câmara Municipal, 1993

FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira e Carvalho, António R. - *Abordagem Arqueológica de Palmela Medieval Cristã*. Arqueologia Medieval, nº8, Campo Arqueológico de Mértola, pp.221-241, 1997a.

FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira - *O Castelo de Palmela - do islâmico ao cristão*, Lisboa/Palmela: Co-Edição: Edições Colibri/C.M. Palmela, 2004

FERNANDES, Isabel Cristina e SANTOS, Michelle - *Palmela Arqueológica. Espaços, Vivências, Poderes. Roteiro da exposição*, Palmela: Câmara Municipal, 2008

FERNANDES, José Manuel - *A Arquitectura*, “Col. Sínteses da Cultura Portuguesa”, Lisboa: INCM, 1991

FORTUNA, António Matos - (Prólogo, selecção e notas de...) - *Monografia de Palmela - Vol.I: Memórias Paroquiais de 1758*, Palmela: Grupo de Amigos do Concelho de Palmela, 1982

FORTUNA, António Matos - *Misericórdia de Palmela. Vida e Factos*, Palmela: Santa Casa da Misericórdia de Palmela, 1990

LEAL, Ernesto Castro e outros - *Da supressão à restauração do concelho de Palmela: Conjunturas e Símbolos (1855-1926)*, “Col. Cadernos Locais, vol.I”, Palmela: Grupo dos Amigos do Concelho de Palmela, 1998

LEITE, Ana Cristina - “Os Centros Simbólicos”, in *História da Arte Portuguesa* (Dir. Paulo Pereira), vol. II, Lisboa: Círculo de Leitores, 1995

LOBO, Margarida Souza - *Plano de Urbanização. A época de Duarte Pacheco*, Série 1. Ensaio, 5, Porto: DGOTDU-FAUP Publicações, 1995

PEREIRA, Fernando António Baptista e outros - *A Ordem de Santiago - História e Arte*. Catálogo da Exposição “O Castelo e a Ordem de Santiago na História de Palmela”, Palmela: Câmara Municipal, 1990

PEREIRA, Paulo (Dir.) *História da Arte Portuguesa*, I, II, III Vols., Círculo de Leitores, 1995

RODRIGUES, Maria João (Coord.) - *Vocabulário técnico e crítico de Arquitectura*, Editora Quimera, 2002

SERRÃO, Vítor e MECO, José - *Palmela Histórico-Artística. Um inventário do Património concelhio*, Palmela/Lisboa: C.M.Palmela/Ed. Colibri, 2007

TAVARES, Jorge Campos - *Dicionário da Santos*, Lello & Irmão Editores, Porto, 1990

TORRES, Eunice Péguinho - *Revestimentos do Centro Histórico de Palmela: anomalias, caracterização cromática e sua conservação* (Dissertação de Mestrado), Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa - Instituto Superior Técnico, Junho 2007

RIBEIRO, Orlando - *A Arrábida. Esboço Geográfico*, 3ª edição, s/l: Fundação Oriente/Câmara Municipal de Sesimbra, 2004

[http://www.ippar.pt/pls/dippar/pat\\_pesq\\_detalhe?code\\_pass=69764](http://www.ippar.pt/pls/dippar/pat_pesq_detalhe?code_pass=69764) (consulta a 12.11.2008)

## **Fontes Audiovisuais**

Acervo do Arquivo de Fontes Orais do concelho de Palmela



ANEXOS



The image shows a textured, light brown or beige background. On the right side, there is a large, white, decorative cutout element that resembles a stylized fleur-de-lis or a similar heraldic symbol. The cutout is positioned vertically, with its base at the bottom right and its top extending towards the top right corner. The overall appearance is that of a book cover or a decorative endpaper.

**Planta de localização dos edifícios  
destacados, em fotografia  
de grande formato, na exposição**



A.



B.



D.



E.



C.



F.



G.

- A . Castelo de Palmela
- B . Exemplo de casa - Quinhentista
- C . Paços do Concelho
- D . Exemplo de casa - séculos XVII e XVIII
- E . Igreja de S. Pedro
- F . Cine-teatro S. João
- G . Exemplo de casa - Estilo Arte-Nova
- H . Adegas
- I . Biblioteca Municipal  
Antiga Escola Oficial do S. João
- J . Exemplo de casa - Século XX / XXI



J.

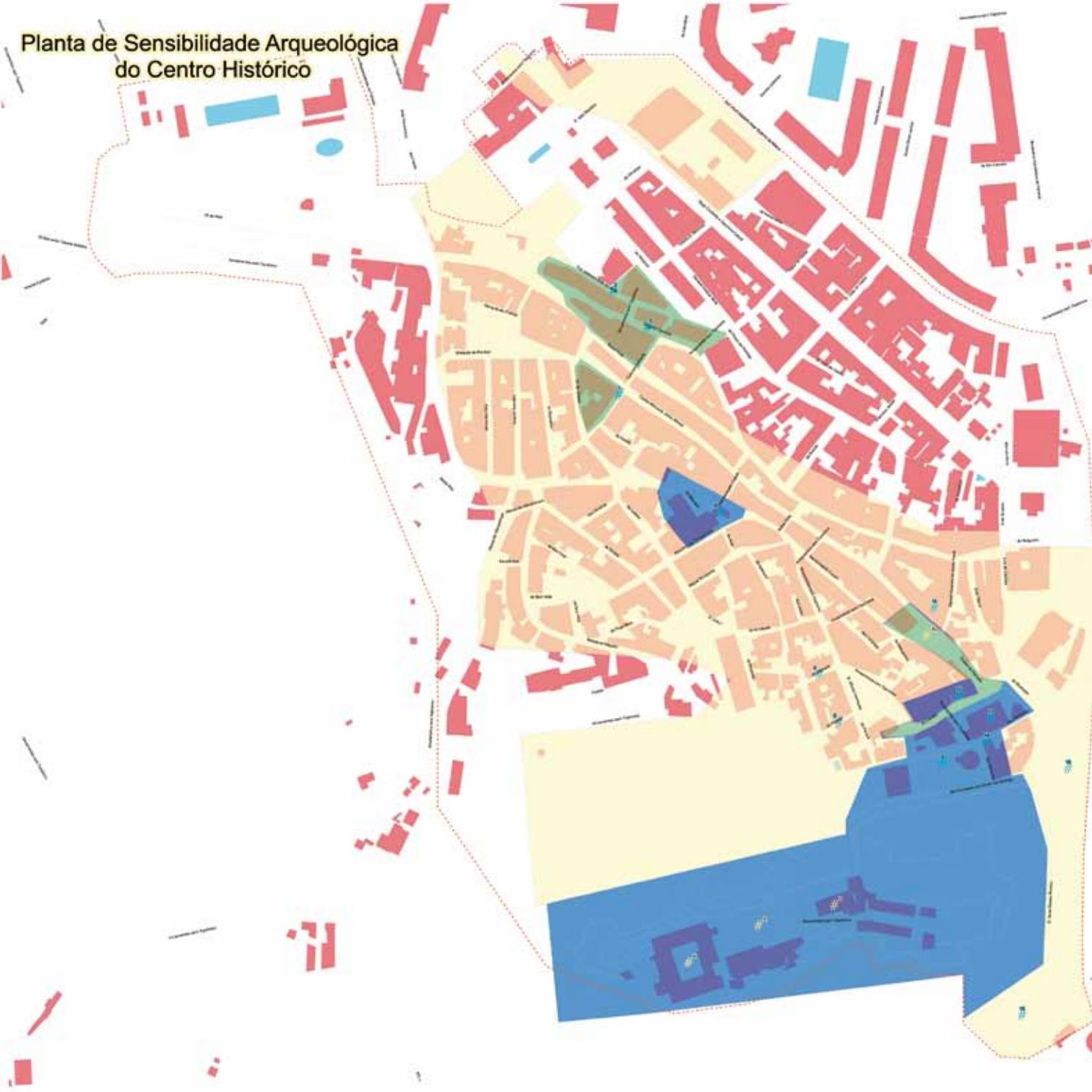


I.



H.

Planta de Sensibilidade Arqueológica  
do Centro Histórico





**Legenda**

- Limite do Centro Histórico de Palmela
- Património Arqueológico Classificado
- Património Arqueológico
- Sensibilidade Arqueológica**
- Reduzida e Média Sensibilidade
- Média Sensibilidade
- Elevada Sensibilidade



Emissão de Parecer técnico sobre projectos de licenciamento urbanístico de construção, renovação ou alteração de imóvel) (fase: projecto de arquitectura), que assegurem a preservação do património arqueológico, de acordo com o definido na Lei Bases do Património Cultural (Lei n.º 107/01).  
 Procedimento comum a todos os níveis de sensibilidade.



Acompanhamento arqueológico de obras (construção, renovação e alteração) que impliquem remeximento do solo, nos locais de reduzida ou média sensibilidade arqueológica.



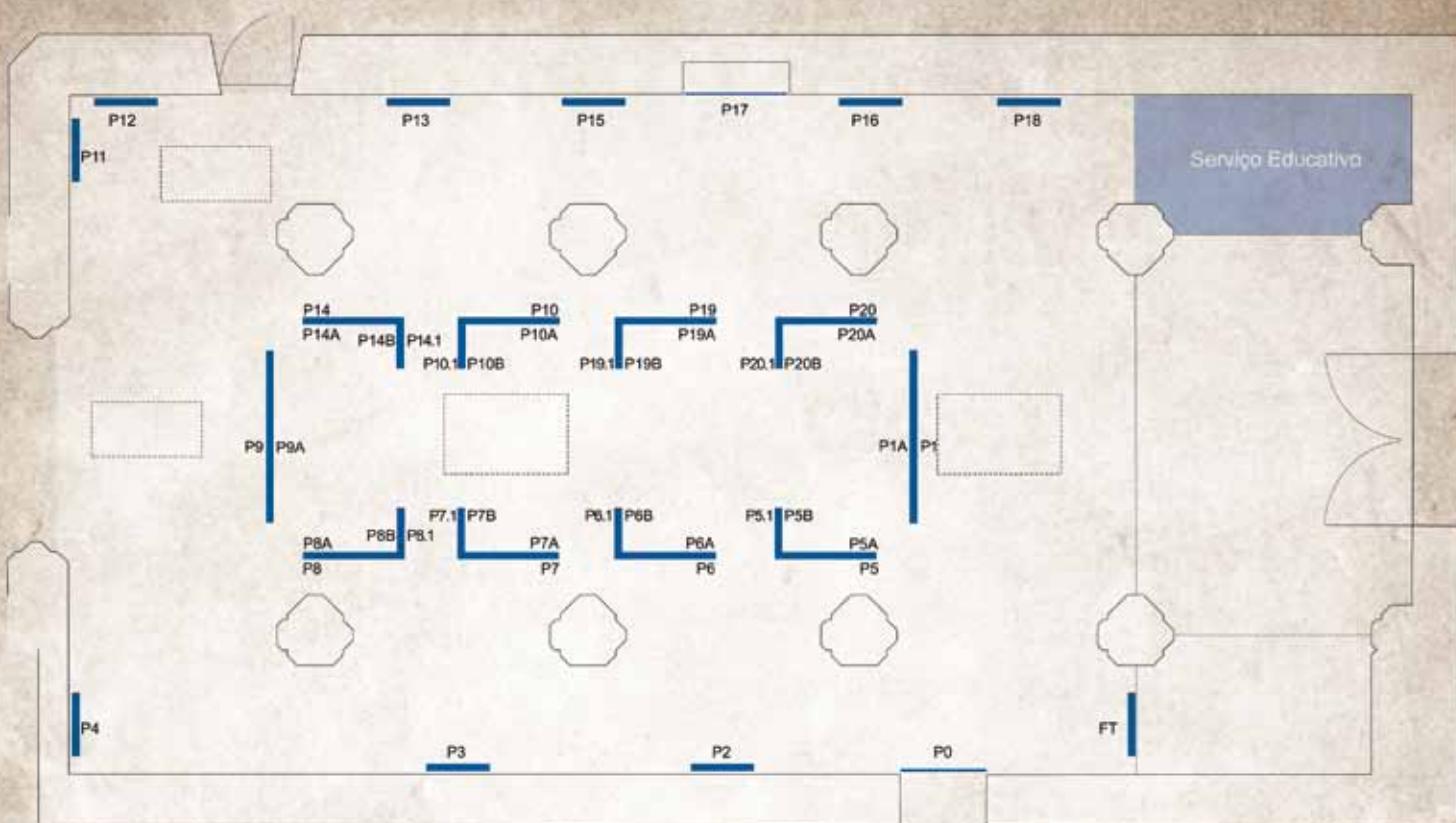
Sondagens de diagnóstico para registo prévio (anterior ao início das empreitadas) de vestígios arqueológicos e salvaguarda do património existente. Procedimento essencial para a definição de condicionantes arqueológicas e implementação de medidas de minimização de impactes; aplicável a zonas de média sensibilidade.



Escavações e/ou sondagens arqueológicas, sempre que existam vestígios arqueológicos relevantes ou em áreas onde o potencial arqueológico é elevado.  
 Zonas de elevada sensibilidade ou dependendo dos resultados obtidos em



## Planta da Exposição



**FT** - Ficha Técnica

**P0** - Vila de Palmela. Génese e Expansão do Centro Histórico

**P1** - O Castelo de Palmela. Génese da Vila  
**P1A** - O Castelo - Centro de Poderes, Centro de Território

**P2** - Palmela e o Mundo. Sinais de uma economia florescente

**P3** - Rua a Rua... a memória que pisamos!  
**P4** - Arqueologia urbana. Preservar o Passado na construção do Futuro

**P5** - Exemplo de Casa Quinhentista  
**P5A** - Palmela Medieval. Da presença islâmica à urbe de Quinhentos  
**P5.1** - Palmela, Vila  
**P5B** - A tipologia da casa urbana em Palmela

**P6** - Edifício Paços do Concelho

**P6A** - Segredos dos Paços do Concelho  
**P6.1** - Símbolos de Poder  
**P6B** - Pedra de Armas na frontaria dos Paços do Concelho

**P7** - Exemplo de casa (Séculos. XVII - XVIII)

**P7A** - A rua nas memórias das crianças do início do século XX

**P7.1** - Evolução urbana: alterações nos séculos XVI - XVIII

**P7B** - Brincar no início do séc. XX

**P8** - Igreja de S. Pedro  
**P8A** - Património Edificado Religioso  
**P8.1** - Ermidas Templos Rurais  
**P8B** - Festa Religiosa

**P9** - Cine-teatro S. João

**P9A** - Lazer: as Sociedades e o Cine-Teatro

**P10** - Exemplo de Casa estilo "Arte Nova"

**P10A** - Palmela entre os séculos XIX e XX

**P10.1** - Pormenores Arquitectónicos

**P10B** - Palmela entre os séculos XIX - XX

**P11** - Comércio Tradicional

**P12** - Comércio Ambulante

**P13** - Caminhos do vinho: produzir, beber, festejar

**P14** - Adega

**P14A** - Caminhos do Vinho - Festejar

**P14.1** - Pormenor fachada Adega

**P14B** - Adiafa

**P15** - Ofícios tradicionais

**P16** - Ofícios tradicionais

**P17** - Arquivo fontes orais: construir a Memória do Centro Histórico

**P18** - Oficina do Costa

**P19** - Biblioteca Municipal

**P19A** - Ensino em Palmela, algumas memórias

**P19.1** - Escola Oficial no Largo de S. João

**P19B** - Quadro de Honra

**P20** - Habitação contemporânea

**P20A** - Século XX - novas vivências, novas formas urbanas e arquitectónicas

**P20.1** - A vila de Palmela no Séc. XX

**P20B** - Con(viver) ao Ar-livre

## ÍNDICE DE FOTOGRAFIA

**Adelino Chapa** - p. 46

**Amodesign** - p. 10 (B/C/D/E/F/G/H/I/J); p. 29;  
p. 34; p. 35 (4); p. 39 (1); p. 40 (1); p. 43 (2); p. 48;  
p. 54; p. 71; p. 73

**António Carvalho** - p. 20 (3)

**António Paula Santos** - p. 75 (5)

**Carlos Sargedas / Falcão Azul** - p. 10 (A)

**Eunice Torres** - p. 31 (4/5); p. 39 (2/3/4/5);  
p. 74 (4)

**João Jones** - p. 38 (2/3)

**Museu Municipal** - p. 13 (1/2/3/4); p. 20 (1/2/4);  
P. 21; p. 28; p. 30 (1/2); p. 33 (2/3/4); p. 35 (1/2/3);  
p. 38 (1); p. 42; p. 60 (1/2); p. 62 (1); p. 63 (6); p. 74  
(5/6); p. 75 (3)

**Patrícia Soares** - p. 40 (4); p. 41 (6/7)

**Paulo Nobre** - p. 30 (3); p. 43 (10/11); p. 44; p. 45;  
p. 47; p. 50; p. 54 (1/2/3); p. 55; p. 60 (3); p. 62  
(2/3); p. 63 (4/5); p. 64; e imagem de todas as  
peças (p.(s) 19; 23; 25; 26; 32; 36; 37; 40; 41; 56; 58;  
59; 61; 65; 66; 67; 70; 72)

**Rui Farinha** - p. 75 (4)

**Rui Minderico** - p. 16 (13); p. 17 (1/3/4/5/6)

Palmela 2010  
Todos os direitos reservados para a língua portuguesa  
por Câmara Municipal de Palmela





ROTEIRO EXPOSIÇÃO  
**Patrimónios**  
Centro Histórico da Vila de Palmela

14 de Novembro 2009 a 5 de Setembro 2010  
Igreja de Santiago - Castelo de Palmela

Município de Palmela

Museu Municipal / Gabinete de Recuperação do Centro Histórico / Divisão de Comunicação

**POR**  
LISBOA  
PROGRAMA OPERACIONAL REGIONAL

**QR**  
EN  
QUADRO DE REFERÊNCIA  
ESTRATÉGICO  
NACIONAL  
PORTUGAL 2007-2013



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu  
de Desenvolvimento Regional

Município  
**Palmela**